

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIELA FLORA COSTA

**NATUREZA E EDUCAÇÃO:
Diálogos entre a Ecopsicologia Junguiana e a Aprendizagem com a Natureza**

São Paulo

2019

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIELA FLORA COSTA

NATUREZA E EDUCAÇÃO:
Diálogos entre a Ecopsicologia Junguiana e a Aprendizagem com a Natureza

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Guilherme Scandiucci.

São Paulo
2019

Dedico esse trabalho a todas crianças, seres que possuem o direito de uma infância digna, de serem felizes, de serem natureza.

Como o presente estudo é também parte de mim, minha gratidão perpassa os âmbitos pessoais e coletivos da minha existência.

Agradeço a grande Mãe Natureza, minha fonte de luz, de aprendizagens contínuas, de símbolos e contemplações que me fazem querer estar viva e lutar por uma vida digna a todos que nela habitam.

Agradeço a minha mãe Luciana, mulher, bióloga, guerreira que proporcionou a possibilidade da minha existência e do meu florescer, que acreditou em mim, acompanhou minhas fases e o meu desabrochar.

Agradeço ao meu pai Waldyr, que me mostrou as durezas da vida e me ensinou a ter coragem e respeito diante o mundo que me cerca, que sempre investiu e persistiu na minha educação e no meu amadurecer.

Agradeço a Luisa, minha metade complementar, que honra te ter como irmã. Eu carrego seu coração dentro do meu coração.

Agradeço ao meu avô Marco, que é minha inspiração de sabedoria e que me forneceu o privilégio de crescer no lugar mais especial e estruturante da minha vida, a Fazenda Cachoeirinha.

Aos meus tios Luciana e Paulo, pessoas que me deram a oportunidade de ser natureza na natureza. A mulher que me mostrou as aventuras das trilhas, o cuidado com os animais e alegria de viver presente em sua risada. O homem gentil que acolheu meus sonhos e respeitou meu tempo em relação aos infinitos projetos de agrofloresta que ainda estão por vir.

Agradeço as almas de luz que foram todas educadoras e educadores que se propuseram a compartilhar comigo suas experiências e sabedorias. São fonte de esperança e inspiração.

Ao meu companheiro Gustavo, que me apoia e acompanha nos trilhares e aventuras dessa vida. Sua presença me faz sonhar ainda mais. Esse trabalho nunca seria o mesmo se você não acreditasse tanto em mim, por isso te agradeço.

Agradeço às minhas irmãs de vida, minha alcateia, as mulheres lobas que acompanharam, participaram e compartilharam do amadurecer da vida adulta, sempre juntas. À Giovana, por nossos perrengues, lutas, pesquisas e sonhos compartilhados. À Gisele, ser no qual tenho um amor maternal que se transforma em admiração, carinho e cuidado. Rubi, a mulher que me faz mais feliz e que me entende como ninguém entendeu. Marina minha grande companheira, a força da natureza que me lembra de ser uma eterna criança. Laura, minha primeira amiga minha confidente minha querida “Larica”, que me encanta com seu jeito contagiante de ser. E finalmente agradeço a Mirella, que além de amiga, irmã, companheira é a pessoa que se fez essencial para a minha transformação e existência como pessoa. É o ser que me coloca pra pensar, para querer mais e que me ensina e me dá forças para continuar na luta. Sou grata pelo compartilhar de uma vida, o acolhimento, as risadas, preocupações e infinitos sonhos, além do apoio na construção toda dessa pesquisa. Dividir um teto com você e com a Fernanda foi necessário na construção de um lar em meio ao caos de São Paulo. Vocês me ajudaram a sobreviver nessa cidade e eu não tenho palavras suficientes para agradecer.

Agradeço ao meu orientador Guilherme Scandiucci e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que me forneceram o apoio e os nutrientes para o florescer das minhas ideias.

“Se você tem metas para um ano. Plante arroz. Se você tem metas para 10 anos. Plante uma árvore. Se você tem metas para 100 anos então eduque uma criança. Se você tem metas para 1000 anos, então preserve o meio ambiente.”- Confúcio

RESUMO

Não se pode negar que o Planeta Terra é a grande morada de todos os seres vivos, que estão interligados e interdependentes. No entanto, a dominante cultura ocidental, apoiada nos processos patriarcais e capitalistas, atravessam as relações de pertencimento e reconhecimento do homem no mundo. Nota-se a existência de um paradigma construído através da dicotomia homem- natureza, esse que reflete nos processos educativos vigentes. Individualista, ego-centrada e extremamente competitiva, a educação se enrijeceu em uma metodologia que não reconhece o meio ambiente em sua formação. A presente pesquisa propõe-se a questionar tais circunstâncias através da implicação da psicologia junto a propostas de educação que valorizam a presença da natureza. Assim, o estudo se apoiará no pensamento teórico-metodológico Junguiano, considerando seus aspectos ecopsicológicos, compreendendo os recortes e atravessamentos presentes na realidade pesquisada bem como seus aspectos simbólicos. Foram feitas entrevistas abertas com cinco educadoras e um educador que atuam perante abordagens educativas que prezam pelo contato da natureza na aprendizagem em diferentes contextos: uma escola pública, duas escolas rurais e uma escola privada no Brasil. Diante a análise, notou-se uma íntima relação entre a Ecopsicologia Junguiana e Alfabetização Ecológica. Concluiu-se uma real e importante necessidade de se olhar para a natureza e sua linguagem no contexto escolar, sendo a criança beneficiada por essa relação em âmbitos pessoais e coletivos de sua existência e constituição no mundo.

Palavras-chave: Educação; Natureza; Ecopsicologia Junguiana

SUMÁRIO

1. A SEMENTE	
Introdução e Justificativa.....	8
2. O PREPARO DO SOLO PARA PLANTAR A SEMENTE	
2.1 Objetivos Gerais e Objetivos Específicos.....	12
2.2 Metodologia e Método.....	12
3. AS RAÍZES	
3.1 A história da educação brasileira e seus atravessamentos.....	15
3.2 A implicação da psicologia na educação.....	18
4. O TRONCO	
4.1 O homem e a natureza - desconexão e exploração.....	20
4.2 A psicologia analítica e a natureza: A Ecopsicologia Junguiana.....	25
4.2.1 O Inconsciente Ecológico.....	30
4.3 O educar e a natureza: Alfabetização Ecológica.....	33
4.3.1 A linguagem da natureza.....	35
5. OS RAMOS E GALHOS	
Análise e Reflexões.....	39
6. COLHENDO OS FRUTOS	
Conclusão.....	54
Referências.....	56
Anexos	
Anexo 1 - Entrevista com a diretora escola Rural 1.....	58
Anexo 2 - Entrevista com educadora escola Rural 1.....	62
Anexo 3 - Entrevista com educador escola Rural 1.....	64
Anexo 4 - Entrevista com diretora escola Municipal.....	66
Anexo 5 - Entrevista com diretora escola Particular.....	69
Anexo 6 - Entrevista com ex-coordenadora pedagógica escola Rural 2.....	71
Anexo 7 - Modelo do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.....	76

1. A SEMENTE

[...] a pura natureza está dentro de vós. E se conhecerdes a pura natureza, que é vosso verdadeiro ser, liberto de todo egoísmo perverso, então conhecereis a Deus; pois a divindade está oculta dentro da pura natureza, tal como a noz no envoltório da casca. (JUNG, 2011, v. 16/2, par. 508).

Tudo começou pelo fato de que eu não escolhi o tema da pesquisa, não foi uma questão de mera afinidade com o assunto. O presente trabalho é a semente da minha vida, faz parte da minha trajetória, da minha constituição, está interligado à minha existência e pertencimento a esse planeta, o qual devo toda gratidão e respeito. O tema deste trabalho sou eu, como eu me constituí, cresci e estou me individuando. As memórias e experiências do meu corpo, a maneira em que integrei minhas mudanças e amadurecimentos e assim, deixo aqui uma pequena introdução desse universo todo. Toda minha infância está relacionada ao meu íntimo contato com a natureza, no qual sentia a necessidade de cercar-me de sua presença porque eu era natureza, me comunicava com ela e me alimentava dela, de corpo e alma. Minha irmã, sempre queria saber o que tanto eu papeava com as flores da minha casa, e o que elas respondiam. Na escola, espaço privilegiado, era cercado pela mata atlântica, cheio de macacos que roubavam nossa comida, foi o lugar que aos 4 anos plantei minha primeira árvore, uma muda de Pau Brasil na qual me recordo afetuosamente quase 20 anos depois.

Cresci no sul de Minas Gerais, sempre rodeada por ambientes rurais, da fazenda de café do meu avô, aos pequenos sítios de tios em que sabíamos o nome de todas as galinhas e que lá moravam. Fiz guerra de lama com cocô de vaca, nadei em lagos e inventei brincadeiras e fantasias incríveis com meus primos e amigos, horas e mais horas nas tardes de domingo, em cima da amoreira falando sem parar até anoitecer. E no pé de três árvores de cerejeira, as cinzas de uma de minhas melhores amigas foi incorporada retornando à terra.

A natureza sempre esteve presente na minha trajetória, mesmo que em suas dimensões simbólicas. Na medida em que fui crescendo, essas experiências foram se modificando, mas minhas raízes sempre na terra onde eu cresci. Nunca deixei de valorizar esse espaço, a mata era refúgio, era esconderijo, lugar no qual eu mais me senti em casa. Em tempos me vi muito perdida e distanciada desse lugar, e aos 18 anos me mudei para São Paulo, ambiente ultra urbanizado que me fez sentir mais

conectada do que nunca com a natureza. Isso aconteceu não porque vim para uma das maiores metrópoles da América Latina, por causa da poluição, dos prédios, infinitos cimentos e concretos. Mas o que ocorreu na verdade, foi um enorme sentimento de não pertencimento, e assim, por não conseguir me enraizar nesse espaço eu finalmente me encontrei e descobri onde queria estar.

Morar em São Paulo me deu muitas coisas, me deu meus companheiros de vida, me deu as experiências, o amadurecimento e aprendizagens. Mas principalmente me fez perceber o que na vida realmente importa, e o que eu deveria fazer sobre isso. E foi assim, na faculdade de psicologia que pude entrar novamente em contato comigo mesma e o mundo de uma maneira mais profunda.

No segundo ano da faculdade conheci Jung numa entrevista para a BBC de 1959, "Face to Face" e lembro de pensar: "É isso!", era isso que eu queria estudar, foi o momento pelo qual eu havia me identificado com algo que conversou e preencheu o que estava faltando na minha curta trajetória acadêmica. No mesmo ano, iniciei meu primeiro estágio, fui trabalhar com crianças em situação de vulnerabilidade social, como auxiliar de uma educadora que ficava com as crianças no contraturno, enquanto seus pais e responsáveis realizavam diversos tipos de cursos no instituto.

Encontrei espaços potentes e transformadores que me alimentavam de experiências enquanto ao mesmo tempo eu podia contribuir só por estar lá. Os anos se passaram e fui entendendo cada vez mais a importância da educação, formal, informal e o cuidado com o amplo e diverso universo infantil. No entanto, sempre me sentia incompleta, como se algo estivesse faltando em um trabalho de que gostava muito, distante e desconhecida em todos os lugares em que percorri, a natureza era o que faltava.

Num movimento de sincronicidade, chega até mim a Permacultura, os estudos sobre agroflorestas, a Agricultura Sintrópica, que são maneiras sustentáveis de manejo da terra, nas quais se apoiam nas leis da natureza, promovendo a agroecologia, a restauração da terra e o cuidado com o meio ambiente ao mesmo tempo que fornece alternativas para o cultivo de alimentos orgânicos. Identifiquei-me intensamente com esse universo, que era para mim, aquilo que eu mais queria estudar e fazer. Entrei em contato com esse mundo cheio de novas possibilidades através de um amigo, corajoso o bastante para abandonar a psicologia e seguir por essa trajetória, e quase fiz o mesmo.

No entanto, vi que meu chamado era outro, e num ato diferente de coragem, decidi ficar e encarar a cidade de São Paulo, pois ainda não tinha encontrado e aprendido tudo o que precisava. E foi através de um sonho em 2017 que idealizei um lugar em que poderia reunir natureza e a educação, um lugar no qual olhasse para o mundo e para as crianças com um profundo cuidado e integrasse os ciclos da natureza e tudo o que ela tem pra ensinar dentro do currículo escolar. Fui pesquisar a possível existência de algo assim no Brasil, e através da minha conexão com agroflorestas e a Agricultura Sintrópica, ouvi falar da Escola da Toca, e fui procurá-la. Tive o privilégio de realizar o curso de Educação Sistêmica dentro da escola rural da Fazenda da Toca e conhecer o projeto deles na escola municipal da cidade de Itirapina no interior de São Paulo. Foi dessa maneira, que mergulhei no universo mesmo que novo, das inúmeras possibilidades de se realizar aprendizagem junto à natureza.

Além da Escola da Toca, minha trajetória percorreu caminhos que me fizeram entrar em contato com outros estudos e movimentos que reconheciam a importância da natureza nos ambientes escolares. Ao realizar um curso de Multiplicadores de Agricultura Sintrópica em Alto Paraíso de Goiás, conheci a Escola Vila Verde, outra escola rural situada no meio do cerrado brasileiro, além da Casa Redonda em São Paulo, que foi outro exemplo de escola que trabalha sob a perspectiva de integrar a natureza dentro do aprendizado e que coloca a criança em contato direto com esse ambiente há anos.

Minha questão no entanto, era compreender de que maneira a psicologia se integraria à esse movimento. Durante pesquisas para se realizar o presente trabalho, conheci e fui finalmente contemplada por ideais teóricos os quais integravam psicologia e ecologia. A Ecopsicologia, mais especificamente a Ecopsicologia Junguiana forneceu um importante aparato teórico na construção desse trabalho. E perante uma extensa revisão de literatura, conheci duas organizações notáveis: o “Projeto Criança e Natureza¹” do Instituto Alana e o “Children and Nature Network²” os quais contêm um extenso acervo de contribuições acadêmicas como pesquisas, artigos, resumos, teses, abrangendo o tema criança e natureza, facilitando o acesso e a comunicação entre diversas pessoas e abordagens que buscam realizar uma melhora não só na qualidade educacional mas também na qualidade de vida das crianças.

¹ Acesso no site: <https://criancaenatureza.org.br/>

² Acesso no site: <https://www.childrenandnature.org/>

Diante disso, meu trabalho de conclusão de curso justifica-se na medida em que é um movimento de encontros tanto interno quanto externo. É a germinação de uma semente que estava em mim o tempo todo, é a materialização de um sonho, ao mesmo tempo que já se faz presente no mundo todo de diferentes maneiras, reunindo o campo da ecologia, da educação e da psicologia.

E foi nesse espaço, que pude germinar essa semente, oferecendo os substratos teóricos necessários para nutrir essa dança de encontros e transformações, contribuindo para com o planeta e as crianças. Estes que necessitam, principalmente no atual cenário ambiental, político e social, de pessoas que lutem por elas, além de poder retornar à natureza, um pouco daquilo ela me proporcionou.

O processo da individuação natural produz uma consciência do que seja a comunidade humana, porque traz justamente à consciência o inconsciente, que é o que une todos os homens e é comum a todos os homens. A individuação é o “tornar-se um” consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 227)

2. O PREPARO DO SOLO PARA PLANTAR A SEMENTE

“Solo exposto é ferida aberta” - Ernest Gotsch

2.1 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O objetivo geral da pesquisa é discutir quais são as implicações da psicologia em relação às práticas educativas que têm a natureza como ferramenta de aprendizagem. Outros objetivos do estudo, procuram refletir diante as produções que tenham psicologia, natureza e educação como temática e realizar entrevistas com educadores partindo da seguinte pergunta: “Na sua perspectiva, qual a importância da natureza diante o educar?”

2.2 METODOLOGIA E MÉTODO

A metodologia escolhida baseia-se na perspectiva teórica da Psicologia Analítica, criada por Carl Gustav Jung no século 20. No livro *Epistemologia e método na obra de C.G. Jung* (2013), Heloísa Penna propõe que o conhecimento na ótica Junguiana resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados. Tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação.

Como método, a primeira parte da pesquisa será uma discussão teórica feita à partir de uma revisão bibliográfica iniciando-se por uma breve trajetória histórica da educação brasileira, a implicação da psicologia na educação com enfoque na psicologia analítica, a Ecopsicologia Junguiana e finalmente a natureza na educação. Assim, para realizar o embasamento teórico-metodológico, busquei ao longo da construção teórica desta pesquisa, suas características psicoecológicas. Dessa maneira, me apoiarei em uma metodologia que respeita os processos da natureza, e constrói seu paradigma também baseando-se nela, em seus processos cíclicos e complementares. Isso ocorre justamente porque Jung não faz a separação do homem e desse ambiente:

O mundo, para Jung, é concebido em seus aspectos subjacente e manifesto. A noção de *unus mundus*, emprestada da filosofia medieval, confere

dinamismo ao todo e integra microcosmo e macrocosmo. O ser humano é considerado uma totalidade eco-bio-psico-social, incluindo consciente e inconsciente. O homem como microcosmo é parte integrante do macrocosmo, o qual compreende as esferas do inconsciente coletivo e da consciência coletiva. (PENNA, 2013, p. 81)

Já a segunda etapa do estudo, será feita a partir da transcrição e análise de entrevistas abertas realizadas com seis educadores de quatro escolas brasileiras que trazem o contato da natureza no processo educacional, sendo duas escolas rurais, uma escola particular e uma escola pública. A pesquisa terá caráter qualitativo, considerando além dos aspectos simbólicos e subjetivos, os recortes e atravessamentos sociais presentes e que emergem durante o processo da entrevista e da análise. Ou seja, a pesquisa qualitativa, apoiada ao pensamento junguiano, busca sempre basear-se no conhecimento que é estruturado dentro de um paradigma. Isto posto, no paradigma junguiano, a perspectiva ontológica refere-se à natureza da realidade, considerando as concepções de mundo, ser e psique. A noção de totalidade – unidade e diversidade – constitui o pilar básico dessa perspectiva (PENNA, 2013, p. 81).

A metodologia qualitativa de pesquisa é resultante de um movimento que avalia e critica o método científico moderno. Essa proposta exige do pesquisador coerência e consistência epistemológicas, envolvimento pessoal com a investigação e, sobretudo, uma atitude crítica e ética frente ao conhecimento e às comunidades social e científica a que pertence. A produção de conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, visa não apenas à descrição dos fenômenos, mas, principalmente, à compreensão e interpretação da realidade pesquisada. (PENNA, 2013, p. 81)

O procedimento de análise e interpretação daquilo que foi vivenciado nas entrevistas considerarão o fenômeno através dos aspectos simbólicos e manifestos, nos quais a natureza oferece transformações tanto numa dimensão consciente e física quanto na dimensão simbólica e inconsciente. Considerando símbolo como “uma imagem que descreve da melhor maneira possível a natureza, obscuramente pressentida de algo” (JUNG, vol. 5, *apud* PENNA, 2013, p.214)

Diante do pressuposto de que a presença da natureza possui importância no processo de aprendizagem e conexão das crianças e dos educadores, investigarei sua dimensão simbólica, esta que abarca os aspectos biológicos, ambientais, culturais (sócio históricos) e espirituais, integrando-os num todo único e típico. (IBIDEM p. 81) Dessa maneira, o procedimento de análise e interpretação será feito baseado em uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, através de seus

significados e finalidades, reconhecendo a relação entre sujeito e objeto – pesquisador e fenômeno – na qual é uma relação dialética e simbólica, em que sujeito e objeto participam ativamente do conhecimento (IBIDEM, p. 85).

Assim, a partir da compreensão do material coletado na transcrição das entrevistas, e diante o processo de observação, [experiência viva de participação e diálogo entre observante e observado, em que ambos são transformados pelo processo de conhecimento (IBIDEM, p.81)], a análise será organizada através de sua relevância teórico-metodológica e identificação com o tema e com o problema da pesquisa. E em um compromisso ético, considerando a minha participação ativa nesta pesquisa e no que foi observado, o estudo será feito a partir dos atravessamentos sócio-histórico-político e culturais de uma perspectiva tanto subjetiva quanto objetiva da realidade psíquica, permitindo a realização da pesquisa numa dimensão pessoal e coletiva. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-SP sob o número 02601118.1.0000.5482 e todos os sujeitos assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

A integridade do ser humano é definida por sua atitude responsável e comprometida frente ao conhecimento do mundo externo e ao seu autoconhecimento. Considerando-se que cada indivíduo faz parte de um todo maior, tanto em termos do inconsciente coletivo como em relação à consciência coletiva (cultura), cabe ao ego participar, colaborar e se comprometer com a totalidade. (PENNA, 2013, p. 89).

3. AS RAÍZES

“Árvore nenhuma cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno”. - C. G. Jung

3.1 A história da educação brasileira e seus atravessamentos

As raízes do presente estudo estão localizadas na trajetória do processo de constituição educacional brasileiro, que se dá a partir de diversos atravessamentos sócio históricos, políticos e culturais que transformam, modelam e conduzem a maneira pela qual a educação foi sendo construída. A partir dessa perspectiva, para se realizar uma compreensão do que está posto atualmente nas instituições educacionais, devemos primeiramente, entender por onde perpassam as demandas educacionais e curriculares da sociedade a ser analisada.

Historicamente, percebe-se que sua constituição caminha lado a lado aos interesses políticos e econômicos vigentes, sujeita a transformações e mudanças ideológicas e estruturais. Sem dúvida, o momento histórico e político atual, de desmonte e cortes significantes nos investimentos, sobretudo na educação, atua e impacta em inúmeras esferas existenciais e sociais. Estes retrocessos modificam tanto as relações pessoais quanto as socioambientais dentro o espectro escolar. Essa nova condição têm contribuído para a transformação e o surgimento de novas esferas simbólicas e materiais diante as novas gerações que sofrem os impactos dessas mudanças no contexto educacional.

O processo de modernização pelo qual passou e continua passando o continente está acontecendo a um preço muito alto. A organização econômica, de lastro capitalista, sob um clima político de mandonismo interno das elites nacionais e da dominação externa dos grupos internacionais, impõe uma configuração socioeconômica na qual as condições de vida da imensa maioria da população continuam extremamente precárias. Na verdade, o aclamado processo de globalização da economia parece universalizar as vantagens do capital produtivo e as desvantagens do trabalho assalariado. Dada essa situação, o conhecimento, em geral, e a educação, em particular, são interpelados com relação a seu papel histórico.” (SEVERINO, 2000 p.66)

Ademais, reconhecer as especificidades e desigualdades do país é essencial para compreender de que modo tanto educadores quanto educandos são afetados neste

contexto. Segundo o levantamento de dados do Ministério da Educação (MEC), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2017³, demonstra que o país enfrenta inúmeras dificuldades no que tange uma queda no número de matriculados no ensino médio; alunos que estão na escola, mas na idade escolar errada devido a grandes taxas de reprovação; problemas de acessibilidade e estrutura; redução no número de pré-escolas (de 106.204, em 2016, para 105.200, em 2017) e de escolas de educação infantil (de 117.191 para 116.472). Além disso, dados do IBGE de 2017⁴ demonstram que a taxa de analfabetismo é de 7%, o que significa em números absolutos, que 11,5 milhões de pessoas acima dos 15 anos ainda não sabem ler e escrever. Diante um recorte de idade, raça e região, a incidência chega a ser quase três vezes maior na faixa da população de 60 anos ou mais de idade, 19,3%, e mais que o dobro entre pretos e pardos (9,3%) em relação aos brancos (4,0%). Em continuidade, na região Nordeste a taxa chega a 14,8% que significa ser o dobro da média nacional ou seja, 6,5 milhões de pessoas que se localizam principalmente em áreas rurais de difícil acesso são analfabetas.

Há 19 anos, Antônio J. Severino, professor de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP já delineava a realidade dos processos políticos e culturais da realidade na qual se constrói a educação brasileira, esta, advinda do

[...] perfil assumidamente neoliberal, com suas decorrências e expressões no plano cultural, com sua exacerbação do individualismo, do produtivismo, do consumismo, da indústria cultural, da mercadorização até mesmo dos bens simbólicos, não instaura nenhuma pós-modernidade. Com efeito, o que está de fato acontecendo é a plena maturação das premissas e promessas da própria modernidade. Nada mais moderno do que esta expansão e consolidação do capitalismo, envolvido numa aura ideológica de liberalismo extremado; nada mais moderno do que esta tecnicização, viabilizada pela revolução informacional. (SEVERINO, 2000 p.66)

Outro resultado, decorrente dessa visão capitalista, neoliberal na qual incentiva comportamentos predominantemente individualistas e competitivos nas escolas, é a necessidade de implementar e transformar os ambientes escolares em locais puramente reprodutores de informações já estabelecidas por uma grade curricular

³ Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/dados>

⁴ Disponível em : <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>

extensa e maçante. Assim, se perpetua e reproduz essa lógica que limita as possibilidades da criança, gerando o “emparedamento da infância⁵”.

Em somatória, intimamente relacionado a esse sistema, observa-se a alarmante medicalização excessiva da infância, advinda do surgimento de uma perspectiva patologizante dos processos de desenvolvimento e da personalidade das crianças na contemporaneidade. Esse movimento se dá principalmente por uma demanda dos pais e da instituição escolar para que se possa “acalmar, conter e controlar” crianças que não se encaixam no “padrão de normalidade” e que não conseguem ficar “emparedadas”.

O que está em discussão é o predomínio de uma lógica patologizante, imposta às crianças de classes sociais diversas, na qual o doente é tão somente a própria criança, com pouca ou nenhuma responsabilização do adulto/educador. Não se incluem, para efeitos de um diagnóstico preciso, outros atores e grupos nos quais esta criança/adolescente está inserida. Geralmente, os sintomas são vistos como desequilíbrios bioquímicos, partindo das concepções neurocientíficas que dominam o pensamento da medicina atual. (CORRÊA, 2010, p.99)

Este também é um fator no qual coloca o papel da psicologia na educação em contradição, pois, se por um lado a existe uma perspectiva crítica e cuidadosa diante os sujeitos que resiste às dominações e imposições para educação em si, por outro lado é área do conhecimento na qual abrange e legitima este olhar, garantindo a reprodução dos interesses e do controle do discurso psicopatologizante.

O discurso, digno de registro, revela a normatização das relações na sociedade, pautada por interesses econômicos que orientam políticas públicas impostas arbitrariamente aos educadores. Por sua vez, este sistema de normas também gera expectativas em relação ao desempenho e ao comportamento, tanto dos alunos quanto dos professores. (CORRÊA, 2010, p.101)

Portanto, cabe sempre a observação atenta às contribuições de áreas do conhecimento em que procuram enquadrar e responder problemas individualizantes que não consideram o todo. Isso é necessário principalmente nos dias de hoje, uma vez que existe uma luta que ultrapassa ideologias políticas na qual a educação, mesmo em seus moldes tradicionais e ultrapassados, grita por socorro.

⁵ Termo criado no livro “*Desemparedamento da Infância*”, 2018 realizado pelo Instituto Alana. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/noticias/desemparedamento-da-infancia-escola-como-lugar-de-encontro-com-natureza/>

3.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Como já foi ilustrado acima, a sociedade em questão está atravessada por um contexto no qual se faz necessário um extenso e amplo trabalho que desafia, contesta e resiste às medidas e mecanismos de exploração e produção de desigualdades. Isto posto, o campo da psicologia, em sua maioria, se arrisca e posiciona-se na defesa dos Direitos Humanos. Propor intervenções e trabalhos ao lado da pedagogia, diante o compromisso de se pensar e gerar mudanças na precariedade e nos retrocessos do sistema de educação, é um movimento essencial para se discutir e co-criar ferramentas que se disponibilizam em realizar uma efetiva transformação. Martinez afirma:

Constitui um verdadeiro desafio analisar as diferentes possibilidades por meio das quais uma ciência particular ou um grêmio profissional podem expressar compromissos com uma realidade social. No caso da Psicologia Escolar e Educacional e dos psicólogos que trabalham nos contextos educativos, seu compromisso com a educação brasileira pode evidenciar-se de diferentes formas, porém dados os limites deste espaço. (...)aspecto que considero central: o compromisso dos psicólogos com a transformação dos processos educativos, com a efetivação das mudanças necessárias que demanda a melhoria da qualidade da educação no país. (MARTINEZ, 2009, p.169,)

Além disso, observa-se que o amplo compromisso social atrelado ao trabalho das psicólogas e psicólogos, coloca em questão a necessidade de se comprometer com práticas nas quais tenham como enfoque o cuidado e a melhora da qualidade e dignidade da vida humana, nesse campo, otimizando as práticas educativas. Assim, pode-se indicar diversas formas de atuação que variam entre orientação e formação de pais e educadores até a elaboração de políticas públicas que tenham como enfoque uma visão ampla e abrangente da atuação do psicólogo nas áreas educacionais para o apoio e contribuição do olhar atento, crítico e cuidadoso do profissional.

Portanto, justifica-se o lugar do psicólogo na educação na medida em que este exerce o papel de também aprendiz de todo o processo, e se vê como sujeito que ocupa um lugar simbólico que é capaz de exercer algum tipo de mudança ou impacto. Por isso, apenas no exercício da condição de sujeitos podem os psicólogos se constituir em agentes de mudanças da educação, promovendo, com autonomia e força, tensões e rupturas criativas com o status quo (Martinez, 2009, p.176) . Este pensamento muito se assemelha ao trabalho do educador, que ao sair da posição de “provedor de todos

os saberes”, se coloca lado a lado com o educando, favorecendo a troca de e a construção do conhecimento.

[...] o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal poderemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008, v.17 par 249)

Dessa maneira, exercer o trabalho de psicóloga em instituições de ensino de uma maneira crítica e consciente é um movimento político. Além de procurar promover saúde mental em alunos e professores, a psicóloga escolar pode ser uma ferramenta importante para que ocorra uma real mudança nos paradigmas estabelecidos atualmente.

4. O TRONCO

“ *A natureza não faz milagres, faz revelações*”. - Carlos Drummond de Andrade

4.1 O HOMEM E A NATUREZA: DESCONEXÃO E EXPLORAÇÃO

Quanto mais civilizado, mais consciente e complicado for o homem, tanto menos ele será capaz de obedecer aos instintos. As complicadas situações de sua vida e as influências do meio ambiente se fazem sentir de maneira tão forte, que abafam a débil voz da natureza. (JUNG, 2011, v. 9/2, par. 40).

E na constante busca pelo desenvolvimento e sobrevivência, o homem em seu processo civilizatório, se perdeu, dentro dele mesmo, atravessado pelo paradigma do consumo, da exploração e do ego, deixou de ouvir a voz da sua própria natureza. A relação com o que existe de mais primitivo foi se dissociando de seu corpo, amparado por uma ciência positivista, exata e materialista, fez com que a relação humana e natureza interna, ficassem reprimidas em partes sombrias e profundas do seu ser.

Fica claro que, quanto mais se recusa olhar para a natureza interna, instintiva da psique, mais se reforça uma das polaridades da constituição humana, a parte consciente, o ego, o pensamento lógico. No entanto, o desequilíbrio e desconexão perante um desses lados deixa o homem “despedaçado”, desconectado de uma fração de sua totalidade. Dessa maneira, uma compreensão fragmentada de si gera uma visão fragmentada e distante do outro, do mundo e principalmente da natureza.

Segundo o pensador e físico Fritjof Capra, em sua obra *A Teia da Vida* (2006), o autor compreende que atualmente a humanidade se vê no que ele chama de “Crise de Percepção”, na qual se dá pela falta de percepção e conexão com a natureza. Esta, que em sua dimensão interna se faz desconhecida, gera um não reconhecimento e percepção diante as relações entre todas as coisas, todos os seres, os quais estão interconectados e interdependentes:

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica

e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria. (CAPRA, 2006 p.14.)

Diante essa afirmação, se tece um pensamento no qual nada pode ser compreendido se não considerarmos nossa ligação ao todo, a história e a cultura às quais foram se constituindo e se modificando através de paradigmas e constructos sociais e civilizatórios que revelam a relação do homem com o meio e com ele mesmo. Outros pesquisadores como o ambientalista James Lovelock (2009)⁶, que ao escrever seu livro *Gaia: o alerta final*, fala sobre como esse processo de devastação do planeta está atingindo níveis irreparáveis, responsabilizando a relação abusiva do homem em todo esse processo. Dessa maneira, não podemos negar o fato de que a natureza é a vida em si, é a fonte, a base da existência da humanidade sendo o animal humano parte indissociável dela.

Alguns historiadores acreditam que o distanciamento do homem em relação ao pertencimento à natureza se deu, inicialmente, após o Teocentrismo Medieval, que colocava em contato homem e universo e assim, após os ideais do filósofo René Descartes, que visava a natureza apenas como ferramenta, “A Natureza seria um aparato externo ao ser humano e que serviria para enriquecê-lo materialmente, não sendo mais que um objeto a disposição da razão humana” (AGOSTINI, 2011, p.33).

Esse pensamento no qual objetifica a natureza, foi um dos suportes ao antropocentrismo, o qual colocava o homem no centro do universo e a ciência como o núcleo de todo o conhecimento e todas as verdades. E assim, atualmente, diante o desenvolvimento de uma consciência unilateral e limitada, é visto que mesmo existindo a possibilidade de se ter acesso a informações, avanços científicos e alertas de especialistas, pesquisadores, historiadores, como Capra e Lovelock, a humanidade em sua maioria, ainda possui enormes dificuldades para superar, reconhecer e modificar seu comportamento egoísta e autodestrutivo.

Além das questões de desigualdade social, preconceitos em diversas instâncias, a miséria e a violência, vemos que o modo em que se vive atualmente é alienante e adoecedor, o que causa danos irreparáveis para todos os seres que habitam nosso planeta Terra.

⁶ James Lovelock, cria e 1960 a Teoria de Gaia, na qual levantou-se a hipótese de que os organismos vivos modificam seu ambiente inorgânico de maneira favorável à sua sobrevivência, formando juntos um sistema complexo e autorregulado que funciona de maneira semelhante a um único organismo vivo.

Ansiamos por amor, segurança e proteção, e temos muito pouco desse conforto. A violência no seio de nossas sociedades ameaça nos dominar inteiramente. A própria Mãe Terra foi pressionada ao limite máximo de sua resistência. Por quanto tempo ainda terá condições de enfrentar o vandalismo das políticas industrial e econômica que nos regem? A época do patriarcado está se esgotando. E que novo padrão cultural assegurará à humanidade o ressurgir das esperanças de uma vida para a Terra? (WHITMONT, 1991, p. 10).

Em somatória a isso, todo esse distanciamento só se amplifica na medida em que o mesmo sistema capitalista anteriormente citado, produz e perpetua uma lógica na qual faz com que os sujeitos, em sua maioria, não se preocupem com as outras manifestações de vida além da própria, não percebendo que esse movimento também têm impacto direto em sua própria existência.

E assim, na medida em que caminhamos para a tentativa de compreender a relação do homem com a natureza, vemos que ser um animal racional, na civilização ocidental dominante, significa a desvalorização daquilo que é sensível, diverso, intuitivo e feminino. A destrutividade e exploração da natureza se relacionam diretamente a estrutura de poder que impera na humanidade há milhares de anos: o Patriarcado.

A dominação masculina diante a repressão do feminino, no qual utiliza da violência, medo e o estupro, têm como objetivo principal a manutenção do poder. Para garantir uma estrutura desigual e hierárquica, o homem se prendeu em uma dinâmica machista de supremacia da força física de da ordem, na qual têm como alicerce, o cientificismo positivista, os ideais capitalistas, o desenvolvimento tecnológico, e todas dinâmicas anteriormente citadas às quais perpetuam um sentimento predatório que explora até o último recurso do Planeta Terra.

A desvalorização do feminino é um aspecto intrínseco à cultura dominante na vigência do desenvolvimento do ego patriarcal. As mulheres têm sido consideradas seres humanos de segunda categoria, na melhor das hipóteses, e, em muitas circunstâncias, menos do que seres humanos. (WHITMONT, 1991, p.140).

É visto que tal desvalorização e repressão do feminino, materializada diante o corpo da mulher, possui uma íntima ligação à exploração da natureza. E a vivência do feminino ligado a natureza em sua dimensão simbólica, se dá através do arquétipo Materno, principalmente perante o arquétipo da Grande Mãe. Para Jung, arquétipo seria “...uma fonte primária de energia e padronização psíquica. Constitui a fonte essencial de símbolos psíquicos, os quais atraem energia, estruturam-na e levam, em

última instância, à criação de civilização e cultura”. Como bem explicou o pós Junguiano Murray Stein (2006, p.81).

Quando Jung identifica algumas representações essenciais do arquétipo materno, este que possui inúmeras variedades e diferentes aspectos, fica claro de que maneira o corpo da mulher e a natureza estão interligados. A ancestralidade de suas raízes, compartilhadas por toda humanidade, estão conectadas através da mesma fonte originária, e dessa forma, algumas representações do arquétipo materno seriam:

[...] o Céu, a Terra, a floresta, o mar e as águas quietas: a matéria, o mundo subterrâneo e a Lua; em sentido mais restrito, como o lugar do nascimento ou da concepção, a terra arada, o jardim, o rochedo, a gruta, a árvore, a fonte, o poço profundo, a pia batismal, a flor como recipiente (rosa e lótus); como círculo mágico (a mandala como padma) ou como cornucópia; em sentido mais restrito ainda, o útero. (JUNG, 1976, v.9/1 par 156.)

Visto isso, o arquétipo da Grande Mãe, tal fonte primária da compreensão humana dos processos da natureza, a provedora de toda a vida, dos recursos da terra e da fertilidade da nutrição, do amor incondicional, também seria a representação dos ciclos da morte-vida, da destruição, rejeição avassaladora, o mistério, o oculto, a força impiedosa da natureza.

[...] simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 1976, v.9/1 par. 158)

Pressupõe-se assim, que nas diferentes manifestações desse materno tanto acolhedor quanto devastador, vê-se o um homem que em seu processo civilizatório, amedrontado por não reconhecer e se identificar com tais manifestações, desrespeita àquilo que não compreende, o repreendendo. Portanto, quando em uma cultura patriarcal na qual diversos aspectos e formas inalcançáveis e incompreensíveis para os homens se manifestam, tanto na natureza quanto na mulher, a força física, a violência e o distanciamento dão início a um processo de repressão ao desconhecido. Assim, para a manutenção de uma falsa sensação de superioridade e garantia do poder, a mulher e a natureza são repreendidas e assujeitadas à submissão.

A natureza e as mulheres foram feitas objetos passivos, a serem usados e explorados pelos desejos incontrolados e incontroláveis do homem alienado. De criadoras e mantenedoras da vida, a natureza e as mulheres foram reduzidas a categorias de 'recursos' no modelo fragmentado e antívida do mal desenvolvimento (SHIVA, 1997, p. 289).

Ainda assim, como tudo que é reprimido, contido e podado, se faz crescer e florescer com força um processo de resistência e transformação diante essa construção milenar de violência e exploração civilizatória. O sofrimento vivido entre as mulheres e a natureza se transforma em conscientização e ativismo socioambiental. As mulheres estão se unificando e aflorando a sensibilidade ancestral que é vista nos povos originários, indígenas que possuem uma íntima ligação com a Terra. O movimento das mulheres camponesas, a ecologia social e principalmente o ecofeminismo são alguns exemplos de manifestações que surgem para além de denunciar, explicitar e resistir ao sistema vigente.

Das profundas camadas da psique inconsciente, a Deusa está vindo à tona. Reclama demonstrações de reconhecimento e homenagem. Se nos recusarmos a reconhecer sua presença, ela pode desencadear forças destrutivas, mas se lhe prestarmos às honras que lhe são devidas, pode orientar-nos afetosamente enquanto trilharmos à senda da transformação. (WHITMONT, 1991, p. 10).

A busca pelo cuidado da natureza, o suporte e emancipação das mulheres começa a aparecer em diversos lugares, é o resgate do sagrado, do ancestral. Arquetípica, intuitiva e espiritual a Deusa ressurgiu das profundezas do inconsciente: "Negada e suprimida durante milhares de anos de dominação masculina, reaparece num momento de intensa necessidade, pois caminhamos no vale das sombras da aniquilação nuclear, e é fato que temos o mal. (IBIDEM, p.10).

Por isso, a necessidade de se pensar em maneiras que podem superar e transformar tais movimentos de destruição e dominação é urgente. Um novo paradigma deve ser estabelecido, dívidas históricas e sociais devem ser reconhecidas e reparadas. As diferenças precisam ser contempladas e respeitadas para que ambas polaridades se integrem diante uma relação complementar de alteridade e equidade.

Ainda assim, entende-se pouco sobre os novos caminhos, no entanto, reconhecer a sabedoria dos povos da floresta que dialogam com diversos campos da ciência como

a ecologia profunda⁷, o conceito de sustentabilidade, os movimentos sociais e o ecofeminismo são alguns caminhos a serem trazidos à luz. Como Capra bem explica:

O ecofeminismo poderia ser encarado como uma escola especial de ecologia social, uma vez que também ele aborda a dinâmica básica de dominação social dentro do contexto do patriarcado. Entretanto, sua análise cultural das muitas facetas do patriarcado e das ligações entre feminismo e ecologia vai muito além do arcabouço da ecologia social. Os ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. Conseqüentemente, os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade. (CAPRA, 2006, p.17).

É dessa maneira que considero necessário também, o posicionamento e a implicação do campo de conhecimento da psicologia, na qual precisa começar a discutir e pensar propostas de se conter tal crise socioambiental, esta, inteiramente interligada aos processos de constituição humana.

A crise ambiental reflete o estado da psique humana. Tudo o que pertence à realidade externa ocupa em nós um lugar interno: o sol, a lua, a água, as plantas, os animais, tudo vive em nós, na forma de arquétipos que povoam nosso mundo intrapsíquico por meio de imagens, símbolos e valores. (DUARTE, 2017 p.6)

Diante tantas possibilidades, desafios e propostas, inicio a indagação de qual a possível contribuição da psicologia e qual o papel da educação, no que tange o pensar nessa mudança de paradigmas. Onde estariam as ferramentas e os lugares potentes para se dar início à transformação?

4.2 A PSICOLOGIA ANALÍTICA E A NATUREZA: A Ecopsicologia Junguiana

A Psicologia, tão dedicada ao despertar da conscientização humana, precisa acordar a si mesma para uma das mais antigas verdades: nós não podemos ser estudados ou curados à parte do planeta. (HILLMAN, 1995, p.xxii)

⁷ O conceito “ecologia profunda surge através do filósofo Arne Naess e foi conceituada como a ciência que não distingue os seres humanos de outros seres e seu meio natural. “Reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida”. (apud CAPRA, 2006, p.16)

Diante uma observação cuidadosa perante a obra científica construída por Jung no seu pensamento teórico e em relatos de sua vida pessoal, o autor demonstra o caráter ecológico em seu olhar, principalmente por propor discutir a natureza tanto como o meio natural quanto perante o conceito da psique em si. Tendo assim, o ponto fundamental de sua teoria científica. Em diversas de suas obras, Jung traz consigo a relevância de se olhar para a natureza e conectar-se com ela, e além disso, reconhece que tudo o que é humano é natureza, sendo ela não apenas um aparato a ser usufruído pelo homem.

Um artigo publicado em 2017, teve como intuito recolher perante toda obra de Jung passagens e falas nas quais a palavra *natureza* aparece. Constatou-se que de modo geral, ao longo dos volumes que compõem sua obra completa, é possível encontrar centenas de citações da palavra “natureza”, nas quais se destacam 137 parágrafos em que o autor utiliza esse termo e suas diversas variações para ilustrar, justificar e fundamentar os amplos conceitos de sua teoria e de sua vida pessoal, pois sua teoria teve relação íntima aos acontecimentos de sua vida. O escritor do artigo pontua que:

O autor conseguia, com muita poética, traçar paralelos entre a natureza e os processos psicológicos dos seres humanos. Para o autor, assim como existia uma ecologia exterior, havia também uma ecologia interior. Ele entendia a natureza como a única fonte de manifestação da verdade, ou a mais próxima da realidade. (DUARTE, 2017, p. 15)

No que concerne a vida pessoal de Jung, diante o desenvolvimento de sua personalidade e de sua teoria psicoecológica, Von Franz, uma de suas maiores colaboradoras afirmou que:

A natureza foi sua maior paixão, e Jung, tal como sua mãe, sentiu-se, desde o começo da juventude, parcialmente enraizado num profundo e invisível solo, em alguma coisa vinculada aos animais, às árvores, às montanhas, às campinas e à água corrente. Esse amor opôs à tradição cristã do mundo do seu pai. (VON FRANZ, 1992, p. 29).

Dessa maneira, se observa o começo da implicação da área de conhecimento da psicologia, principalmente no campo da psicologia analítica, na possibilidade de ser uma ferramenta que está profundamente ligada às questões sócio ambientais e ecológicas anteriormente denunciadas. A desconexão do homem com a natureza

demonstra a desconexão do homem com partes de si, que ficam rejeitadas e recalçadas nas profundidades do inconsciente.

O caráter ambiental e ecológico das obras de Jung também busca sensibilizar os indivíduos e a sociedade de que são parte de um todo, muito maior e mais complexo do que apenas às questões mentais, que se restringem ao individual. A humanidade e a cultura são compostas e criadas através do coletivo, através do ancestral e é diante a conexão com a natureza, com o meio ambiente, e com outros seres, que nos tornamos humanos.

A profunda conexão de Jung com a natureza e o modo com que tratava a psicologia nos levam à reflexão de seu objetivo maior, que era formar não apenas psicoterapeutas ou conhecedores técnicos da mente humana, mas ecologistas da alma. Ele mesmo, sem qualquer dúvida, foi um exímio ecologista da interioridade humana, buscando desvelar as obscuridades da psique e defendendo, do início ao fim de sua vida, o livre desabrochar das potencialidades do homem, motivando-o a trilhar os caminhos do processo de individuação e da totalidade do ser, sem, no entanto, distanciar-se de suas origens coletivas. (DUARTE, 2017, p.18).

Tal pensamento é visto na teoria de Capra (2006), no que o físico denominou de “Pensamento Sistêmico”, um modelo de se pensar na integração e reconhecimento das partes porém sempre considerando o todo, a “Teia da vida”.

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes. (CAPRA, 2006, p.31).

O que se destaca em suas pesquisas é o fator da interconexão e interdependência dos sistemas vivos, ou seja, nada sobrevive isoladamente. No entanto, com o advento da tecnologia e da urbanização excessiva, o movimento que mais se tem visto hoje, é o isolamento das pessoas nas relações e com ambiente ao seu redor. Como se o fato de se isolar, faz com que o mesmo não se responsabilize pelo impacto que produz no mundo.

Excluindo o mundo real de seus principais constructos teóricos, a psicologia imagina este mundo lá fora como sendo objetivo, frio, indiferente, até hostil (a terapia, como um refúgio protetor, o consultório, como um santuário). Assim, o mundo recebe a projeção da mãe má, da mãe assassina, que sua teoria

inventou. Voltamos a um mundo de natureza tal como concebida por Descartes há quatro séculos, uma árida res extensa, um campo extenso de matéria desprovido de alma, inóspito, mecânico, até demoníaco. (HILLMAN, 1997, p 100).

Na tessitura da importância de implicações da psicologia diante o pensamento ecológico e socioambiental surge em 1992 a Ecopsicologia. Ao sentir uma verdadeira ausência do olhar da Psicologia, que presa nos entornos da clínica não se atentava às dores do mundo lá fora, Theodore Roszak historiador, pensador crítico e intelectual, propôs a pensar na união de uma ecologia profunda aos estudos que buscavam compreender a constituição psíquica humana: a Ecopsicologia. Roszak buscou romper com as barreiras de uma psicologia que se escondeu atrás da psique, individualizante e determinista, na qual também se isolava perante o mundo ao redor do sujeito que buscava compreender.

O pensador se apoiou em abordagens teóricas que visavam tanto o cuidado da mente quanto o cuidado do mundo, e diferente porém não excludente dos pensamentos da Psicologia Ambiental na qual estuda os efeitos dos ambientes sobre o comportamento humano e dos comportamentos humanos sobre o ambiente, a Ecopsicologia, segundo Roszak :

[...] busca estender a área de investigação da Psicologia para além das relações inter e intrapessoais, abrangendo as nossas conexões psíquicas com o mundo natural. Essa disciplina reconhece que existe um limite na forma com que a Psicologia tratou esse tema durante a maior parte de sua história: considerando-o irrelevante para a compreensão do ser humano. As relações entre seres humanos e natureza, como elemento fundamental para a saúde psicológica e como portador de importantes conteúdos psíquicos, não foram consideradas pela maior parte das escolas da Psicologia. (ROZAK, 1992, p.19, *apud* BILIBIO, 2013, p.12).

No Brasil, existe atualmente o Instituto Brasileiro de Ecopsicologia ⁸, no qual o psicólogo Marco Aurélio Bilibio trouxe tais pensamentos e estudos para a realidade brasileira. Em sua tese de doutorado Bilibio (2013) busca elucidar essa corrente de pensamento ao reconhecer as implicações de abordagens teóricas como a psicologia analítica de Jung em sua construção epistemológica. Além do próprio Jung, James Hillman esteve intimamente ligado ao pensamento ecopsicológico. O importante teórico pós Junguiano construiu ao longo de sua trajetória um olhar amplo e crítico diante a psicoterapia convencional e transcendeu seu olhar para o mundo almadado.

⁸ O Instituto Brasileiro de Ecopsicologia – Disponível em: <https://ecopsicologiabrasil.com/>

Em seu artigo *Anima Mundi: o retorno da alma ao mundo* (1982) o autor enfatiza a necessidade de considerar que “a psique inclui o mundo - há alma em todas as coisas” (HILLMAN, 1982, p. 9). Ou seja,

Falar, pedir para se ter ouvintes hoje no mundo, requer que falemos ao mundo, pois o mundo está na audiência: ele também está escutando o que dizemos. Portanto, estas palavras são endereçadas ao mundo, seus problemas, seus sofrimentos de alma, pois falo como um psicólogo, um filho da alma falando para a psique. (IBIDEM p.9).

Sendo assim, quando Hillman (1982) afirma que nossos receios ecológicos anunciam que as coisas estão onde a alma agora reclama atenção psicológica. (IBIDEM, p.19), se faz compreender que psique e mundo são partes indissociáveis do todo, pois natureza é psique e psique é alma. Diante disso, a principal proposta da Ecopsicologia seria um encontro da Psicologia com a Ecologia, para que o ser humano passe a ser visto no contexto de sua inserção planetária, e de sua interdependência da comunidade mais-que-humana que divide conosco esse planeta. (BILIBIO, 2013, p.22).

Em vista de abordagens que se complementam, no livro *Ecopsychology, Restoring the Earth Healing the Mind* (1995) de Theodore Roszak, James Hillman contribui com essa nova metodologia ao escrever um dos prefácios desse livro, no qual fala sobre *A Psyche the Size of the Earth*, ou seja, uma Psique do tamanho da Terra, propondo um pensamento amplo sobre as novas considerações e possíveis intervenções da psicologia, caminhando lado a lado com a ecologia perante o cuidado do sujeito e do mundo em que o constitui.

Em suma, se a psicologia é o estudo do sujeito, e se os limites desse sujeito não podem ser postos, então a psicologia se funde por bem ou por mal com a ecologia. (HILLMAN,1995, p. xx). Assim Bilibio resume que essa perspectiva propõe um pensamento que vai além das questões teóricas, a Ecopsicologia se apresenta também como um espaço de diálogo entre a Psicologia e o movimento ambientalista, assumindo a postura crítica consciente de seu papel político, que supera o intrapsiquismo potencialmente alienante (BILIBIO, 2013, p.23).

Dessa forma, a interconectividade entre o pensamento Junguiano e a Ecopsicologia, constrói uma abordagem psicológica denominada Ecopsicologia Junguiana, na qual alguns autores como Liz Evans (2006) em seu artigo *Developing a Jungian*

Ecopsychology que em português pode ser traduzido livremente como “Desenvolvendo uma Ecopsicologia Junguiana” nos faz refletir que a combinação entre a ecopsicologia e o pensamento Junguiano contém o potencial para ajudar a fornecer a reconexão psicológica vital da natureza. (EVANS, 2006, p.130)

Assim como o objetivo de terapias anteriores foi recuperar os conteúdos reprimidos do inconsciente, o objetivo da Ecopsicologia é despertar o senso inerente de reciprocidade ambiental que está adormecido no Inconsciente Ecológico. Outras terapias buscaram curar a alienação entre pessoa e pessoa, pessoa e família, pessoa e sociedade. A Ecopsicologia busca curar a alienação mais fundamental entre pessoa e natureza. (BILIBIO, 2013, p.52).

4.2.1. O Inconsciente Ecológico

O conceito de Inconsciente Ecológico funciona como o locus da experiência que integra pessoa, sociedade e natureza. Ele é, na dimensão subjetiva, a presença da natureza na psique, e se expressa para com o mundo natural com a mesma disposição ética normalmente reservada aos humanos (ver e comparar GUATTARI, 1989, p. 12 e ROSZAK, 1992, p. 320). (BILIBIO, 2013, p.23).

Na construção de sua teoria, Roszak identifica aspectos da psique humana que antes não haviam sido definidos. O conceito “Inconsciente Ecológico” se vê debruçado na teoria analítica Junguiana, e foi explicitado como uma possibilidade, uma camada pertencente ao Inconsciente Coletivo, conceito no qual Jung define como a estrutura que contém não só os componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob formas de categorias herdadas ou arquétipos⁹(ROSAK, 1992, p.320, *apud* BILIBIO, 2013, p.24.).

Assim, o *Inconsciente Ecológico* compõe toda a experiência humana e sua relação com o meio ambiente, ou seja, tudo aquilo que já foi abordado no capítulo anterior, da questão entre a vivência do homem em relação a natureza. A sua ligação, a relação de dependência, dominação, medo, glorificação e exploração é compartilhado através da estrutura do inconsciente coletivo por toda a humanidade. “O Inconsciente Ecológico é reprimido junto com a repressão do feminino, fonte de desequilíbrio da cultura”.(BILIBIO, 2013, p.153)

A experiência de se relacionar com a Terra é o que compartilhamos de mais ancestral, uma vez que o animal homem é fruto dessa interação com o ambiente. No entanto,

⁹ Conceito já definido no capítulo anterior.

essa relação vai além de um simples contato, possui um profundo significado na constituição simbólica e arquetípica de toda humanidade, podendo ser vista nos mitos, religiões e na construção das diferentes culturas.

Portanto, as conexões entre seres humanos e natureza não se restringem ao funcionamento orgânico, cujo princípio de existência é a sua total dependência das interações com o meio. Nossos corpos são estruturas de troca em ininterrupta relação com o meio, em cujas contínuas interações oscilam entre o equilíbrio, o desequilíbrio e o reequilíbrio, cuja cessação é a morte. Todavia essas conexões são também psíquicas, na medida em que desde os primeiros homínidos fomos construindo relações emocionais e cognitivas com o mundo que nos cerca. (BILIBIO, 2013, p.24)

Por isso, existe no ambiente muito mais do que se é projetado, não é um mero objeto a ser utilizado e explorado. O mundo possui alma, e a *Anima Mundi*¹⁰, está ligada a alma do indivíduo, que nunca pode avançar além da alma do mundo, porque elas são inseparáveis, uma sempre implica a outra. Qualquer alteração na psique humana ressoa com uma alteração na psique do mundo. (HILLMAN, 1982, p.16). E assim, essa relação vivida por toda humanidade, é transmitida e compartilhada através da coletividade da psique inconsciente, esta que é a estrutura primordial na qual já se faz presente na criança desde o seu nascimento, repleta de conteúdos arcaicos, próprios da natureza humana; em outros termos, é um órgão natural sujeito às mesmas leis que regem o meio ambiente e no qual se encontra constantemente projetado. (DUARTE, 2017, p.10).

Em detrimento a isso, percebermos a presença e as implicações do *Inconsciente Ecológico* na criança. É visto que para a Ecopsicologia, juntamente com a experiência e modo de pensar de culturas centradas na terra, é na infância que o Inconsciente Ecológico é mais facilmente observável. Expressa-se no interesse com que as crianças reagem aos animais e frequentemente estabelecem uma relação animista. (BILIBIO, 2013, p.25). Essa sensibilidade da criança intimamente ligada a sua proximidade e acessibilidade ao inconsciente coletivo, e ecológico, se dá através das experiências na natureza em que a criança pode se expressar e se comunicar da mais pura maneira. E na medida em que essas crianças entram em contato com as regras e com o processo de civilização, a constituição de uma consciência e do ego vão tomando as rédeas do funcionamento psíquico daquele ser.

¹⁰ Termo criado por James Hillman (1982) para se referir a alma do mundo como um novo sentido de realidade psíquica.

Para a Ecopsicologia, assim como para outras terapias, o estágio crucial do desenvolvimento da vida é a infância. O Inconsciente Ecológico é regenerado como um dom no senso de encantamento com o mundo em cada criança que nasce. A Ecopsicologia busca recuperar a qualidade animista inata da experiência infantil em adultos funcionalmente saudáveis. (BILIBIO, 2013, p.52)

Os estudos e as teorias que aqui vão sendo construídas são baseadas a partir dessa cultura ocidental, antropocêntrica patriarcal na qual já foi explicitada. Tal realidade vai ser a base que vai moldar de que maneira a criança inicia sua compreensão diante sua relação com a natureza e sua constituição psíquica consciente, o que tem causado a repressão desse Inconsciente Ecológico.

O artificialismo, entendido como a troca do contato direto com a natureza pelo sempre mutável universo das novas tecnologias, está criando uma geração de crianças viciadas em aparelhos eletrônicos. O subir em árvores, brincadeira das gerações anteriores, é agora substituído pelos desafios dos videogames. A geração mais jovem das grandes cidades tem como primeiro vício, tomadas elétricas e sinais wireless, dos quais suas vidas estão se tornando cada vez mais dependentes. (BILIBIO, 2013, p.27)

E em uma tentativa de compreender, resgatar e propor soluções para uma realidade civilizatória que se encontra em crise, as novas gerações são postas à prova tanto de sobrevivência quanto de (r)evolução. A relação da criança com a tecnologia é um tema que chama atenção, uma vez que que existe uma contribuição positiva da tecnologia e dos games. No entanto, quando esses aparelhos são utilizados demasiadamente e para substituir outras relações e experiências com o mundo, é notável que esse uso abusivo é uma real ameaça à constituição das crianças. Diante um olhar atento e cuidadoso, se faz urgente pensar em propostas que superam e constroem um novo paradigma. Não obstante, o acesso à criança se materializa no ambiente educacional, sendo a escola campo de potentes transformações, ao mesmo tempo que ao seguir ideologias dominantes, acaba prejudicando ainda mais aqueles que são vistos como as sementes do futuro.

A ação social e política é crucial para que o planeta permaneça apto para a habitação humana, mas a menos que as pessoas sintam-se suficientemente conectadas ao planeta em um nível psicológico profundo, as chances dessa ação ocorrer ou entrar em vigor na escala que é necessária, são remotas. (EVANS, 2006, p.130).

Por isso, ao considerar a psicóloga(o) uma agente de transformação social, e o trabalho da psicologia um ato político, a Ecopsicologia junguiana pode trazer

alternativas na medida em que os profissionais saem dos limites da clínica, da psique humana, da mente e do cérebro para cuidar também da alma do mundo. Olhar para tal alma do mundo, é considerar o todo, é legitimar o sofrimento e os abusos que atravessam e ultrapassam a psique humana. E qual a melhor maneira de começar senão nas escolas com as crianças, aqueles que possuem uma ampla e pura ligação com natureza?

“O Inconsciente Ecológico é regenerado, como um dom, no senso de encantamento com o mundo em cada criança que nasce” (ROSZAK, 1992, p. 320 *apud* BILIBIO, 2013, p.99)

4.3 O EDUCAR E A NATUREZA: Alfabetização Ecológica

Se hoje nossa civilização está se voltando para o meio ambiente no intuito de evitar o desastre ecológico, o primeiro passo dessa aproximação com a natureza é ingressar na casa parental que é o mundo. Somos tratados como filhos por tudo o que nos cerca — se “tratar como filho” significa velar, ensinar, encorajar e repreender. (HILLMAN, 1997, p. 98)

O processo de aprendizagem no que tange o resgate e a ressignificação da relação entre a criança e natureza, se faz crucial para que ocorra uma possível transformação em escala global no que se refere à sobrevivência do planeta, que é indissociável de nossa própria sobrevivência. Além disso, a criança é um ser em formação, aberto e curioso em relação aos estímulos, sensações e lugares que os cercam. Por isso, é na infância e principalmente dentro das escolas que a experiência de outro e de mundo se constroem.

Na medida em que observa-se a escola, e a educação como ferramentas transformadoras, é possível se pensar que o contato das crianças com a natureza pode se dar nesse espaço de inúmeras maneiras. Isso pode ser explicado pela íntima relação entre as crianças e o denominado Inconsciente Ecológico, uma vez que esse pequeno ser está com sua psique em formação e por isso está em contato próximo com o inconsciente.

As crianças, sobretudo, identificam essa educação oferecida pela natureza. Segundo as observações da brilhante pioneira da ecologia Edith Cobb, a imaginação das crianças depende inteiramente desse contato com o meio ambiente. Dentro de casa, a imaginação não se desenvolve por si mesma nem é estimulada por histórias que os pais contam. As crianças sentem-se, “por natureza”, em casa no mundo. O mundo as convida a baixar e a participar. (HILLMAN, 1997, p. 99).

A natureza é a grande morada da imaginação, do espaço outro que não pertence a criança e sim ao mistério. Por isso, em todos os cantos do planeta, em diferentes culturas e diferentes biomas, o contato das crianças com a natureza aparece e ensina a elas sua linguagem. É o ambiente facilitador do reconhecimento de mundo para criança, no entanto negligenciado pela cultura ocidental, se tornou distante e temido.

A ausência da sensibilidade ambiental, associada ao conceito de Inconsciente Ecológico, é especialmente construída na educação dessensibilizante dada às crianças. Assim, uma tradição inconsciente de pequenos atos de crueldade emerge a partir de forças psíquicas que se imiscuem nas práticas culturais, sendo ao mesmo tempo gerados por ela, sem que nos demos conta do quanto estamos imersos na sua normalidade. A crise de sustentabilidade pode ser vista como a expressão dessas forças. (BILIBIO, 2013, p.30-31).

Além desse movimento de dessensibilização e distanciamento da natureza devido a uma cultura que naturaliza os atos de crueldade em relação ao meio ambiente, existe também uma repercussão e uma tentativa falha de sensibilização nas escolas. As ameaças ambientais, os desastres e a sensação apocalíptica de esgotamento de recursos e da destruição, determina a forma na qual a criança se relaciona com o ambiente. De uma maneira culpabilizante e catastrófica, as escolas e a educação ambiental, ao invés de permitirem o livre contato com o meio, geram o que foi denominado pelo educador David Sobel de *Ecofobia*. O escritor afirma, em seu livro *Além da Ecofobia: Recuperando o Coração na Educação da Natureza* (1996) que se quisermos que as crianças floresçam, precisamos dar-lhes tempo para se conectarem com natureza e amarem a Terra antes de pedir a elas para salvá-la.

Visto isso, a educação, em seus moldes tradicionais ainda que olha para o cuidado da natureza, traz essas questões de uma forma extremamente negativa. O que Sobel propõe, é primeiramente, quando a criança ainda é pequena e não tem controle ou poder para fazer grandes mudanças e salvar o planeta, é simplesmente deixa-la se conectar da maneira mais natural possível. Assim, as notícias de destruição da Amazônia, os rompimentos das barragens, as inúmeras mortes de animais marinhos por plásticos no oceano, as queimadas e a escassez de água, mesmo que extremamente importantes, podem ser abordadas na escola quando o vínculo da criança já estiver fortemente estabelecido com o meio, deixando a sensação de distanciamento e impotência para trás.

Diante disso, quando se olha para a potência da criança em se conectar com a natureza simplesmente por proporcionar momentos de qualidade entre esse pequeno ser e o meio natural, as escolas estarão promovendo uma profunda relação de identificação e empatia com o meio externo, gerando no futuro, possíveis jovens que assim finalmente estarão prontos para pensar em grandes soluções de salvação do meio ambiente.

Por outro lado, o escritor Richard Louv (2005), em seu livro *A última criança na natureza* constrói seu pensamento através de diversas pesquisas e estudos de que o contato da criança com a natureza é uma questão de cuidado em saúde mental. Denominado de “Transtorno do Déficit de Natureza” Louv afirma que na atualidade, devido a ultra-estimulação artificial, a tecnologia e um educar focado na individualização, fazem com que as crianças desenvolvam diversos tipos de dificuldades e sofrimentos.

[...] não estou sugerindo que esse termo represente um diagnóstico médico. Mas quando falo sobre o transtorno do déficit de natureza com grupos de pais e educadores, o sentido da expressão fica claro. O transtorno do déficit de natureza descreve os custos da alienação em relação à natureza, incluindo a diminuição do uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais. (LOUV, 2005, p.58)

O escritor portanto, mesmo que afirme não pretender elaborar um diagnóstico médico, observa os fenômenos por uma perspectiva psiquiátrica que olha para a falta de natureza como um transtorno, uma patologia. Relacionando o transtorno de déficit de atenção, a depressão e obesidade infantil, entre outros sofrimentos, com essa falta de contato com a natureza, o que poderia gerar grandes impactos negativos na constituição das crianças atualmente. Por isso, deve-se cuidar da maneira pela qual esse olhar patologizante se dá, uma vez que o contato com a natureza atravessa questões sociais importantes e pode acabar sendo mais uma maneira de atribuir estigmas. Ainda assim, o autor busca por solucionar e reverter esse paradigma. Louv acredita que se deveria tornar essas questões conscientes numa escala individual e cultural, reconhecer o quanto as crianças são abençoadas- biológica, cognitiva e espiritualmente- por meio de uma conexão física positiva com a natureza (IBIDEM p.58).

4.3.1 A linguagem da natureza

Sem fobias ou transtornos, é visto no conceito denominado Alfabetização Ecológica, uma educação para uma vida em que as crianças possam desenvolver uma relação emocional afetiva com a natureza, uma vez que elas compreendem que fazem parte dela. Esse tipo de educação se desenvolveu por educadores que reuniram seus conhecimentos para se pensar numa didática que tivesse compromisso com o mundo e com as crianças, sendo o pensador Fritjof Capra um dos precursores dessa iniciativa.

A Alfabetização Ecológica possui como princípio a ecologia e o modelo de ecossistemas, utilizando a linguagem da natureza para reconhecer e representar todos os sistemas vivos. Quando caminhamos em meio à natureza o que vemos são sistemas vivos. Todo organismo vivo, sendo bactérias, plantas e animais são sistemas vivos, presentes em comunidades de organismos, que incluem tanto os ecossistemas e os sistemas humanos como a família a escola e outras comunidades humanas. (CAPRA, 2005, p.48)

Dessa forma, ao considerar um pensamento no qual engloba todos esses sistemas em uma comunidade, significa olhar para a indissociação das partes em relação ao todo. Pensamento este que se faz presente na teoria de Jung no conceito de *unus mundus* que engloba a relação dialética entre as dimensões presentes na totalidade. Integra o microcosmo e macrocosmo considerando todas as partes indissociáveis e inter-relacionadas da constituição humana, o tal ser eco-bio-psicossocial. É também explicitada e elaborada no pensamento sistêmico de Capra, anteriormente citado. Sendo assim, a criança é esse sistema vivo, composta por sistema vivos que são suas células e neurônios, fazem parte de um ecossistema que é a escola, que está dentro de uma grande comunidade e assim em diante.

Como todos os sistemas vivos têm em comum conjunto de propriedades e princípios de organização, o pensamento sistêmico pode ser aplicado para integrar disciplinas acadêmicas antes fragmentadas. Biólogos, psicólogos, economistas, antropólogos e outros especialistas-todos lidam com sistemas vivos. Como elas têm em comum um conjunto de princípios, essas disciplinas podem também compartilhar da mesma estrutura conceitual. (CAPRA, 2005, p.51)

Considerar a natureza como o berço dos sistemas vivos, sendo ela o maior desses sistemas, que integra todos os outros como parte dela, é também poder observar os

padrões da natureza dentro de todos eles. A natureza sustenta a vida ao criar e nutrir as comunidades por padrões e processos chamados de princípios da sustentabilidade, princípios da comunidade ou mesmo fatos básicos da vida. Precisamos de currículos que ensinem às nossas crianças esses fatos básicos da vida. (CAPRA, 2005, p.52) Isto posto, a escola e os educadores teriam assim a responsabilidade de oferecer à criança o espaço para desenvolver e aperfeiçoar sua capacidade natural de reconhecer e expressar padrões (IBIDEM, p.51).

Os conceitos pontuados por Capra em sua teoria da Alfabetização Ecológica são diferentes aspectos de um mesmo padrão fundamental, o da natureza. Observados em inúmeros ecossistemas, ele descreve oito princípios, padrões fundamentais presentes na natureza que podem ser vistos, interpretados, desenvolvidos e expressados em diversos âmbitos, principalmente procurar identificar e potencializá-los dentro do contexto escolar. São eles:

Redes: as redes são a conexão e o apoio de diversos indivíduos trabalhando juntos para realizar um mesmo objetivo. A rede é simplesmente a reunião de diferentes partes para solucionar algo que faz parte do todo.

Sistemas Aninhados: são “redes dentro de redes” e os diferentes sistemas representam diferentes níveis de complexidade. Por exemplo, dentro de sistemas sociais como as escolas, as experiências individuais que a criança aprende são dadas pelo que acontece na sala de aula, que está aninhada dentro da escola, que por sua vez está inserida no distrito escolar e este nos sistemas escolares regionais, nos ecossistemas e sistemas políticos. E em cada nível, os fenômenos apresentam propriedade que não existem nos níveis inferiores. (IBIDEM, p.53)

Interdependência: nenhum organismo individual pode existir isoladamente. A vida e as relações só se dão no planeta pela cooperação, parceria e participação em rede. Por isso, não se pode observar uma questão sem considerar tudo o que depende dela e tudo o que ela depende para sua existência.

Diversidade: um ecossistema diversificado pode recuperar-se rapidamente, uma vez que existe uma grande quantidade de espécies com funções diferentes e sobrepostas as quais podem substituir umas às outras. Quando há uma perturbação no ecossistema, e a conexão com a teia se rompe, se existe diversidade na comunidade, ela é capaz de sobreviver e reorganizar-se rapidamente.

Ciclos: o movimento cíclico, de reciclagem da vida é presente em todo tipo de ecossistema. O movimento circular de regeneração pode ser observado pela horta escolar por exemplo, pois o detrito de uma espécie é a comida de outra. Oferecendo à criança observar esse processo cíclico na natureza, e percebe-se parte dela.

Fluxos: os sistemas vivos, organismos e ecossistemas são abertos e recebem energia para impulsionarem seu funcionamento, como a energia solar por exemplo. Os fluxos garantem a inter-relação e a totalidade.

Desenvolvimento: diante todo movimento de desenvolvimento existe um processo de aprendizagem. E durante a aprendizagem existe transformação. Os indivíduos e o meio ambiente adaptam-se mutuamente - eles coevoluem numa dança contínua. Como o desenvolvimento e a coevolução não são lineares, jamais podemos prever ou controlar de que maneira os processos que iniciamos vão se desenvolver. (IBIDEM, p.56)

Equilíbrio Dinâmico: diante uma perturbação no ciclo ecológico, todos os laços presentes procuram se autorregular e se auto organizar. As mudanças e perturbações ocorrem o tempo todo no meio ambiente, por isso, os ciclos ecológicos estão em constante flutuação.

Decifrar a linguagem da natureza, seus princípios e dinâmicas é integrar, perceber seus aspectos simbólicos e sua relação do indivíduo com o todo. É a união da ecologia com a psicologia através da observação desses princípios ecológicos e a maneira em que se relacionam e fazem parte da natureza. Da mesma forma, poderia também ser visto em ecossistemas menores como nas escolas. É dessa maneira que a Alfabetização Ecológica propõe pensar nesses padrões dentro do sistema escolar, um processo de autoconhecimento e sensibilização para si e para os sistemas que fazemos parte.

Não é exagero dizer que a sobrevivência da humanidade vai depender da nossa capacidade, nas próximas décadas, de entender corretamente esses princípios da ecologia e da vida. A natureza demonstra que os sistemas sustentáveis são possíveis. O melhor da ciência moderna está nos ensinando a reconhecer os processos pelos quais esses sistemas se mantêm. Cabe a nós descobrir como aplicar esses princípios e criar sistemas de educação pelos quais as gerações futuras poderão aprendê-los e planejar sociedades que os respeitem e aperfeiçoem. (CAPRA, 2005, p.58)

5. OS RAMOS E GALHOS

“Eu vejo que a grande revolução da educação é essa, começar a introduzir no processo de desenvolvimento da infância a relação da criança com a natureza, porque isso significa que ela se integra nessa natureza, se descobre como natureza, e a é grande aprendizagem da diversidade né. Porque cada planta têm um formato, cada flor é de uma cor, é como se aprende as diferenças e se respeita”. (sic. Diretora escola particular)

Os encontros com os educadores através da entrevista aberta proporcionou a pesquisa o olhar da prática, mas também, uma perspectiva pessoal e sensível daqueles que estão em contato direto e constante com as crianças e com a educação. Conversar com os facilitadores do movimento da aprendizagem, que constroem junto das crianças o processo transformador da valorização da natureza na educação, foi além do esperado diante as expectativas para realizar o presente estudo.

“A natureza era mais um desses componentes que a gente acreditava ser muito importante de ser trabalhado. Entra como um terceiro elemento educador: estudante professor e o ambiente que estamos inseridos, e ele é um educador o tempo inteiro. A gente preza um ambiente de harmonia de paz, respeito e felicidade. Todo o ambiente, ou seja, a natureza têm que estar com a gente em harmonia em consonância”. (sic. Diretora escola rural 1)

Sendo assim, a análise dos testemunhos dos educadores foram se organizando em diferentes polaridades e dimensões do educar integrado à natureza e integrando a natureza. A análise das falas se centrará em esclarecer de que maneira a presença da natureza no contexto educacional se mostra importante no processo de constituição das crianças e seu vínculo com o meio ambiente.

“As relações com a natureza permeiam um encontro de polaridades: o interno e o externo, o individual e o coletivo. E quando a gente atua com noção dessa grandeza, muitas coisas acontecem”(…)Por isso a gente fala de vivências COM a natureza e não NA, ou IR PARA, esse COM faz bastante diferença, porque eu entendo que o ponto de partida é: eu sou natureza, e esquecemos disso. Então, quando falamos do meio ambiente, locais de conservação, ou mesmo da sustentabilidade, a gente ainda fica olhando a natureza como algo apenas externo”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

Começa a ficar claro durante o entendimento nas falas das educadoras que é necessário permitir à criança ser natureza e se perceber natureza. Para isso, o encontro e a integração das polaridades que é fundamental na teoria analítica e conversa constantemente com o que já foi discutido anteriormente, se constrói diante da perspectiva da totalidade, o processo de individuação e que reconhece a presença do Inconsciente Ecológico na criança. Assim, a natureza permite a criança entender sua linguagem, a história do mundo, dos processos humanos, os arquétipos.

Na medida em que as educadoras experienciam, percebem e acolhem a natureza e sua relação com as crianças, abre a possibilidade do contato com essas dinâmicas complementares. Com isso, observa-se que a presença da natureza se constitui como parte fundamental da compreensão do que é o todo, ao mesmo tempo em que os pequenos participam da experiência de entender o que é o eu, a unidade de corpo pertencente àquele espaço. Assim, a escola deveria ser o espaço acolhedor para a busca da união das polaridades, ou seja, mediado pelos professores que compreendem o pensamento simbólico, a educação seria como uma dança entre o interno e o externo.

“Ao inserir a criança em seu habitat ela precisa se reconhecer reconhecendo a natureza. E quanto mais a educação fica dentro das salas de aula, a criança não têm acesso a natureza que é um grande currículo, que está sendo esquecido pelo ser humano, e na hora que esquece a natureza, esquece o homem também, e esquece a criança, que fica como esse sujeito que não pertence àquele lugar, é a ausência de pertencimento à terra onde você nasceu”. (sic. Diretora escola particular)

A fala da educadora corresponde ao pensamento de que a educação tradicional, voltada aos processos individuais e alienantes não percebe ou respeita o processo pelo qual a criança precisa para se desenvolver e se relacionar com o meio. As escolas estão reféns do paradigma da produção e da performance e não se ocupam em pensar no que a criança precisa, e sim no que a sociedade ou os pais esperam. Assim, se cada vez mais as escolas se restringirem ao espaço da sala de aula, a constituição e o processo identificatório das crianças com o Inconsciente Ecológico, e por sua vez com o meio o ambiente, perdem o sentido e vão sendo cada vez menos integrados à consciência.

“É imprescindível uma recolocação na educação do espaço da natureza como o grande chão inclusive do brincar, porque ela favorece um processo de imaginação das crianças, a variação de planos, não é nada padronizado, reto, você têm rampas, a natureza tem um volume que não é em geral como os pátios da escola que é só uma relação plana”. (...) Eu acho que a nossa doença básica hoje foi o deslocamento, a desconexão da gente com a natureza. E aí a gente quer se conectar com as máquinas hoje com a ilusão de que são elas que vão revitalizar o que a gente tá sentindo na pele, a humanidade tá sentindo e o que tá faltando é alguma coisa essencial, que é à vida. E a natureza é essa vida explodindo ao redor da gente”. (sic. Diretora escola particular)

A natureza, vida que está explodindo ao nosso redor, pode significar essa dualidade de vida e morte, visto que as consequências dessa desestimulação e desapropriação do direito da criança de se perceber natureza é o grande fator que causa o distanciamento e a desconexão dos homens da natureza. É um movimento social, histórico que nega à criança o espaço para se desenvolver livremente. Isto é visto de acordo com o caminhar da cultura ocidental dominante que molda os sistemas educacionais para o mercado de trabalho gerando superestimação de crianças que precocemente, cada vez mais, encontram-se medicalizadas e em algum tipo de sofrimento psíquico. Essa perspectiva aparece no livro *A última criança na natureza* de Richard Louv (2006), na qual o autor que fala sobre o termo anteriormente comentado, o “transtorno do déficit de natureza” que aborda a falta de natureza na vida das crianças e suas diversas repercussões.

“Eu trabalhei com uma escola particular do Morumbi de São Paulo e eu fiquei chocada com a quantidade de remédio que os adolescentes tomam. Remédio pra dormir, acordar, comer, ansiedade e depressão. Os professores deles carregam caixas de remédio para os adolescentes. Vemos o quanto que isso causa uma desarmonia humana, o fato do adolescente que está em meios hiper-urbanos” (...) esses meninos que não têm contato com a natureza eles não têm, não que não sejam pessoas sensíveis, mas não é claro para eles os valores de mundo e de consciência planetária. Preservar a água, as matas, eu vejo nitidamente que fornecer contato da natureza no ambiente pedagógico ocorre uma valorização da formação humana, além da saúde física”. (sic. Educadora escola rural 1)

A relação entre saúde física e psíquica das crianças se mostra um dado importante a ser percebido na fala dos educadores. A questão da ansiedade, da medicalização e

da relação que fornece uma desconexão para com o planeta se mostra intimamente ligada à falta de contato dessas crianças com a natureza. Essas consequências atravessam a maneira pela qual a criança se desenvolve para o mundo, para o outro e para si mesma. Se esse lado da sensibilidade ambiental, da expressão corporal é reprimido e recusado pelas forças educacionais, ocorrerá repercussões comportamentais e psíquicas, uma vez que existe um desequilíbrio e uma perturbação daquilo que é necessário à criança, faz parte de sua natureza. E como foi exemplificado por Capra (2006) em um dos princípios ecológicos, o equilíbrio dinâmico, estrutura também presente na psique segundo Jung, vai buscar algo compensatório que repare esse desequilíbrio.

“E em termos de comportamento também, eu vejo que crianças com menos contato com a natureza apresentam os mesmo sintomas que animais de cativeiro. No meu mestrado estudei e comparei o comportamento de animais de cativeiro e animais de vida livre e lendo a obra do Richard Louv eu percebi que o que se faz com as crianças nos dias de hoje, a rotina que submetemos as crianças nas escolas faz com que as elas apresentem os mesmos sintomas que animais em cativeiro. São crianças que estão mais estressadas, que brigam mais entre elas, crianças que apresentam mais sintomas de obesidade, mais dificuldade de aprendizagem e os mais diversos sintomas comportamentais. Então não só nas crianças mas como na gente esse contato (com a natureza) é significativo. Eu me estresso muito mais estando em ambientes fechados. Em relação ao desenvolvimento, eu acho que quando temos a oportunidade de andar e se movimentar mais, eu vejo que as crianças ficam mais desvoltas fisicamente. As “crianças de cativeiro” são muito mais retraídas enquanto as crianças que estão em ambientes abertos são bem malemolentes e isso repercute no campo relacional. Na relação com o educador e entre elas é muito diferente, nesse contato mais aberto”. (sic. educador escola rural 1)

Fica claro, diante essas falas, que há uma gritante preocupação no que tange o cuidado e o desenvolvimento das crianças que não possuem o espaço para interagirem com a natureza de nenhuma maneira. A experiência na natureza oferece o espaço espontâneo e livre para a criança experimentar as sensações, potências e limites do seu corpo e de sua imaginação. Uma vez que na infância a expressão do corpo no brincar é o fato primordial da elaboração simbólica. Quando o educador fala sobre “crianças em cativeiro”, percebe-se que processo educacional tradicional se prendeu em uma polaridade mental, uma possibilidade enrijecida e punitiva de ensino

que não enxerga o indivíduo como uma pluralidade diversa de necessidades e possibilidades, impedindo os sujeitos de se relacionarem com mundo, ou seja com a natureza através da espontaneidade da expressão corporal.

“O livro “A última criança na natureza” reúne muitas pesquisas e dados, minha única crítica com esse livro é que ele olha através da perspectiva da doença, ou seja, olhar pra natureza como remédio, mas pelo menos está se falando sobre isso. Mas sempre que possível vamos pensar que o ponto de partida fala sobre muita coisa, e queremos o foco na saúde, foco no que tá forte e saudável para que essa energia possa ir para outros lugares”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

A fala acima representa a importância de se falar sobre o educar na natureza, mesmo que o autor referenciado (Richard Louv) construa seu pensamento através da perspectiva do transtorno, sendo a natureza utilizada como “remédio” de crianças adoentadas, termo que ele utiliza como “Ritalina da Natureza”¹¹. Dessa forma, se faz necessário buscar compreender justamente a potência que está presente em todas as crianças em todos os ambientes e recortes sociais. Início portanto, uma tentativa em traçar um pensamento que procura reconhecer as dificuldades e recortes, mas que também busca através das potencialidades e possibilidades, ressignificar a educação utilizando da natureza em suas diferentes formas e dimensões.

“Enquanto as escolas não entenderem que elas não formam uma criança pra ela ser boa no resultado de uma prova mas sim pra vida, aí que tá à verdadeira mudança, a gente precisa ter esse olhar, essa relação com a natureza, com as artes, com a música mas principalmente como eu respeito o outro, escuto e posso construir junto é muito mais significativo no resultado da aprendizagem, porque a aprendizagem acontece”. (sic. diretora da escola municipal)

Em contrapartida, na perspectiva das potências, os relatos dos educadores sobre a relação e conexão das crianças que possuem um direto contato com a natureza é extremamente o oposto. As crianças que têm a possibilidade de estarem na natureza trazem aspectos comportamentais e sociais que se mostram notavelmente positivos

¹¹ LOUV, 2006, p. 125-130 Fala sobre inúmeras pesquisas que relatam os benefícios da experiência direta das crianças com a natureza promovendo saúde.

e que garantem o desenvolvimento e a integração de aspectos mais profundos e significativos que são facilitados pelo meio ambiente.

“Além disso eu vejo o desenvolvimento, em estatísticas e estudos de comprovam que as crianças que estão em contato com a natureza se desenvolvem com mais facilidade. A própria conexão com o reino vegetal, situações em que oferecem um ambiente de melhor qualidade de oxigênio, a harmonia, e também falando pelo lado místico, que ao mesmo tempo o científico comprova, de leveza e transmutação de energia. Isso pra mim eu sempre comprovei, ali existe mais liberdade de que numa sala de aula, gerando mais vínculos, em uma aula de campo se conversa de mais coisas como formação humana”. (sic. educadora escola rural 1)

“Ter esses ambientes naturais como um lugar de cura onde eu possa extravasar minha raiva, e ter um tempo para me recompor e depois retornar à comunidade, que era a escola é muito importante. Um caso de uma criança na escola que não tinha controle das suas emoções e quando as coisas não saiam como ela esperava ela ficava muito nervosa às vezes ao ponto de vomitar e chegou a ter dois casos de epilepsia. E toda vez, ao sair com ela, andar com os pés descalços, conversar com os cavalos, era muito transformador, tanto pras crianças quanto para os professores”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

“(...)é interessante observar o quanto é um outro nível de relação com tudo, com o planeta, com a terra com os animais, com o próprio alimento. Eles veem o processo todo do plantar, colher, em São Paulo é completamente diferente, eu costumava ouvir de crianças pequenas coisas como: Da onde vem tal coisa? Ah do supermercado. Uma total desconexão das coisas que gera uma desconexão do ser e das emoções, do racional, uma série de questões que traz de consequências. Não à toa, muitas crianças em cidades grandes estão sendo medicalizadas, e aqui é ao contrário, eles plantam eles colhem estão em contato direto com a terra, acho que tudo isso influencia muito à relação que eles têm com o planeta”. (sic. diretora escola rural 1)

As três educadoras trazem em suas falas diferentes repercussões e dimensões nas quais se beneficia, troca, aprende e se cura com a natureza. O encontro dessas diferentes polaridades se mostra claramente diante a experiência das educadoras, essas que estão em escolas diferentes, e que atuam em ambientes e crianças diferentes. No entanto, o resultado é o mesmo, é saúde, potência e cuidado diante crianças que estão mergulhadas nesse íntimo contato e que podem se desenvolver afetiva e sensivelmente com o mundo que às cerca.

No entanto, diante um olhar crítico e cuidadoso, foi se percebendo que a presença da natureza na educação pode acontecer de diversas maneiras e conter diversos significados. A primeira diferença nesta educação está relacionada ao fato de que existe uma dimensão educativa que tem como principal perspectiva o estar presente em ambientes em que a natureza se dá de forma concreta. Ou seja, a educação NA natureza, que demanda presença do exterior, do lugar presente, da questão ambiental. O fator que diferencia a educação na natureza é justamente porque esse tipo de aprendizagem se dá com o contato direto da natureza dentro das escolas. Estão mais presentes nas escolas em contextos rurais e escolas que possuem ambientes privilegiados repletos de árvores, diversidade de plantas, bosques e florestas.

“Então, eu acho que se tratando das crianças que estão se iniciando no conhecimento do habitat natural delas que é o planeta terra, elas estão chegando aqui. E a natureza é a grande representante desse planeta, no sentido de que através da natureza a criança tem contato com a terra com a água o fogo, com o ar. E justamente pelo processo de desenvolvimento físico que elas estão vivendo, a criança na verdade apreende nesta primeira infância, com o contato direto com as coisas, ela não aprende através de conteúdos teóricos ou que puxem somente pelo intelecto, ela precisa sentir”. (sic. diretora escola particular)

Segundo a educadora, o contato direto com a natureza, principalmente na primeira infância é uma necessidade crucial para o relacionamento futuro dela com o planeta o qual ela pertence. Por isso, fornecer o contato com a natureza é fornecer a criança o contato primordial com a sua morada, esta em que ela está começando a compreender e se identificar. É na natureza que a criança vai codificar os diversos elementos simbólicos que vão garantir a significação, a integração, o reconhecimento e a expressão dos padrões que também estão presentes dentro delas. Isso foi denominado de linguagem da natureza por Fritjof Capra na teoria da Alfabetização Ecológica (2006), na qual foi previamente discutida. Essa linguagem aparece em diversas falas dos educadores e representa o ponto primordial da necessidade de considerar central a natureza na educação.

“O objetivo de ancorar a proposta da natureza com a educação é o resgate dessa memória da linguagem da natureza pra gente fazer novas escutas. Para que a gente possa ter uma atitude de fato pró ativa no nosso processo evolutivo, entendendo que a maior tecnologia a

ser desenvolvida somos nós mesmos, temos a potência de desenvolver, de escolha e de definir para onde vamos caminhar enquanto humanidade". (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

Durante as entrevistas, essa percepção da linguagem da natureza, na medida em que é vista nos processos naturais das crianças que convivem em meio rural, demonstra que crianças que se constituem em meios naturais e espaços abertos, têm, em sua composição estruturante e cultural uma aproximação e identificação maior e melhor desenvolvida com o seu Inconsciente Ecológico, uma vez que ele não é repreendido e rejeitado pelo meio em que as crianças vivem.

"[...] o olhar para o meio ambiente faz parte da cultura local, a valorização e o cuidado com a natureza se dá na escola de uma forma extremamente natural, a gente tá no meio do mato e interagimos o tempo inteiro com as crianças, a gente acredita que é de extrema importância então, a gente faz muitos passeios, anda muito, fazemos trilhas vamos em cachoeiras e piqueniques. E faz parte da filosofia o desemparedamento - a parte pedagógica converge o tempo inteiro, porque acreditamos que a aprendizagem acontece em qualquer contexto em qualquer lugar, a gente aprende o tempo todo durante toda nossa vida e não é somente dentro de uma sala de aula entre quatro paredes numa lousa necessariamente, porque a escola têm esse enrijecimento? Não há necessidade, as vezes chove, precisamos de um contorno, mas acreditamos que a aprendizagem acontece na vida de uma forma prática acima de tudo, acreditamos no ensino na prática e então estar na natureza, viver na natureza caminhar e aprender com ela é parte fundamental. Se vamos falar de geografia a gente vai sair e olhar não adianta ficar olhando para uma foto no livro e tentar entender o que é aquele conceito. Acreditamos muito na mistura da teoria com a prática e o meio ambiente caminha junto, acompanha porque faz parte de toda aprendizagem com qualquer conteúdo". (SIC, diretora pedagógica da Escola Vila Verde)

Percebe-se que a presença da natureza nesses ambientes faz parte da geografia, da região local, e é o papel da escola e do educador, se sensibilizar à esse lugar cheio de privilégios e potências que devem e merecem ser considerados. No entanto, a conexão das crianças se dá de maneira natural, uma vez que elas pertencem àquele ambiente e conseguem se sentir parte dele, sem grande necessidade de intervenção do adulto. As crianças nas quais possuem o contato direto com o meio, compreendem a linguagem da natureza e se percebem natureza com maior facilidade.

“Aqui quando aparece um bicho, já que estamos no meio do mato, existe um carinho um cuidado com o jeito que eles pegam o bicho e levam de volta à natureza, é um cuidado genuíno com uma vida. Eles realmente têm isso intrínseco por viver isso naturalmente. Outro dia as crianças estavam aflitas pois um passarinho caiu do ninho e estava machucado, elas queriam cuidar do passarinho, o tempo inteiro querem cuidar dos animais, cuidar da natureza, cuidar das plantas. Acho que voltamos na interconectividade. Não precisamos discursar, falar à respeito, eles vão vivenciando o mundo e o quanto estamos todos interligados”. (sic. diretora escola rural 1)

Se relacionar com a natureza através da experiência direta, fornece não só as crianças mas todos que nela vivem, o ambiente facilitador para uma conexão profunda com os outros seres que fazem parte de todo o ecossistema. A questão da interconectividade atravessa a existência daqueles que se consideram parte do sistema. Assim, não se faz necessário ensinar sobre a interconectividade, mas sim oferecer um espaço para que a criança possa vivenciar e ter autonomia para compreender os fenômenos através do seu corpo e de sua própria experiência.

“Acredito muito nisso, a gente vê muita diferença e satisfação das crianças estarem em contato com a natureza, ainda mais que isso é o natural deles. São crianças criadas em cachoeiras.”(...) *“É muito satisfatório e muito leve você ter aulas de campo, você estar na natureza, dar aula embaixo de uma árvore. Eu sempre trouxe isso para meus contextos pedagógicos. E em contextos em que não tínhamos nem uma sala ou estava muito calor, dar aula ao campo, na sombra de uma árvore é muito natural, muito gostoso”.* (sic. educadora escola rural1)

Ao mesmo tempo que estar na natureza se faz essencial na medida em que conecta a criança diretamente fonte, deve-se também ponderar que nem todas as crianças vão conseguir essa relação com a natureza de uma forma tão direta e próxima. No entanto, a natureza não se faz necessária apenas quando a criança está na mata, na floresta ou em bosques. Essa linguagem da natureza está presente em todos os sistemas vivos e pode ser representada e transmitida em outros ambientes que não a mata em si. Além de olharmos para uma aprendizagem apenas NA natureza podemos aprender COM ela. Os aspectos simbólicos da natureza estão presentes em inúmeras manifestações culturais e sociais. Quando entendemos que somos natureza e que somos parte de um grande todo repleto de possibilidades e transformações, vemos

que quando não podemos ir até a natureza, podemos trazê-la para o contexto educacional de diversas maneiras.

“Existem várias coisas que a gente pode trazer pro dia a dia da escola formal que são pura inspiração dos processos da natureza que não necessariamente precisam mobilizar todo um movimento para sair da escola e ir para um outro ambiente. Claro que a gente sempre prefere que esse tipo de possibilidade rotineira de ir para espaço ao ar livre seria melhor. Mesmo que o espaço seja todo concretado pelo menos o sol você tem. (...)Então pra nós, ter a natureza como mestra é colocar óleos essenciais de laranja doce na hora do sono, é escolher um cardápio que respeita à sazonalidade, é ter festas celebrativas da escola relacionadas aos ciclos naturais, como festa da colheita e festa da primavera. Então são todas sutilezas que vão entrando no meio do caminho e não ter uma disciplina de horta por exemplo, não, a gente tem uma horta porque a gente come, e a gente come e produz resíduos então a gente composta e a gente precisa alimentar nosso canteiro, tudo existe uma razão de ser”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

A natureza como educadora torna-se ferramenta transformadora na medida em que ela comparece na aprendizagem através do brincar, na música, na dança, nas histórias, nas sensações corporais, nos desenhos e em toda imaginação da criança que tem contato com os princípios e elementos que fazem parte e estão presentes na natureza. Tudo isso se faz entender que os princípios ecológicos que fala Capra em seu conceito de Alfabetização Ecológica, são elementos simbólicos que podem ser adequados à diferentes realidades e regiões.

“(...) e para desenvolver esses princípios não necessariamente eu preciso ir até a mata, ou preciso necessariamente ter próximo a mim um ambiente conservado. Por exemplo, processos de tomada de decisão participativos são processos inspirados nos princípios da natureza. E quando eu falo isso eu pego um sistema biodiverso e observo os padrões de fenômenos dali. Por isso tenho a natureza como grande mestra. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

Diante um olhar que reconhece às desigualdades sociais e compreende que a acessibilidade à ambientes de mata preservada e a lugares com biodiversidade farta e disponível não se faz acessível a todos, buscar na natureza maneiras alternativas de se fazer aprendizagem com ela teve um importante impacto na escola municipal

na qual pude conhecer e entrevistar. Por isso, penso que a natureza em sua dimensão simbólica, dada através de seus padrões e representações, também pode contribuir e transformar os ambientes em que se faz presente.

“(...) a escola Dulce fica num bairro mais simples, é um bairro que têm muitas crianças em situação de vulnerabilidade social, porque a cidade tem dois presídios, um de segurança mínima e outro de segurança máxima, e a população desse bairro cresceu muito em torno disso. (...) A gente tenta usar da prática, da vivência para criar significados para as crianças. E esse trabalho foi fazendo as crianças se acalmarem, por darmos mais espaço pra eles falarem e se escutarem, eles aprenderam a resolver mais os conflitos deles.(...) E a inserção da natureza fez transformações principalmente na questão da conexão comigo mesmo, porque como as crianças estão inseridas numa realidade muito difícil, eles não conseguiam lidar muito com isso, e esse contato com a terra, fez com que pudesse notar mais tranquilidade no comportamento deles, eles canalizaram tanto isso, fora que houve transformações também nas famílias, a relação da família com a escola, por conta desse contato com a natureza melhorou muito. Porque trouxe aquele resgate das famílias de costumes de antigamente. As mães, as avós começaram a trazer mudas pras escolas, as crianças levam mudas da escola pra casa e contam pra gente essa experiência. E eles também se sentem livres, não é nada dirigido, a gente oportuniza as propostas do brincar livre na natureza e então isso têm um significado muito grande pras crianças de conexão com o mundo e importância dele. Então tudo eles melhoraram, a relação com o lixo, com o cuidado com a água, entender e querer descobrir o que cada planta serve. A gente tem até um canteiro de PANC (plantas alimentícias não convencionais) na escola, elas explicam direitinho. “Você sabe o que é PANC?” e os pais não sabem né, e eles falam: “É plantas alimentícias não convencionais!” É tão bonito de se ver. Então essa relação melhorou muito, e o envolvimento com a família foi algo muito significativo. Eu percebi que isso melhorou bastante. As crianças brincam de fazer comidinha com as flores é muito lindo esse brincar. (SIC, diretora da escola municipal Dulce)

Assim, uma vez que se compreende que as dimensões da natureza e a maneira pela qual ela se manifesta também se dá simbolicamente através da linguagem e dos princípios ecológicos, podemos considerar essa aprendizagem como mecanismo de transformação social. Essa linguagem está presente em todos os sistemas vivos, que devem ser adequados à realidade e ao ambiente em que se situam. Mas ao mesmo tempo, na medida em que se tem a apropriação dos espaços e da natureza como parte de cada um, que podem ser expressadas compartilhadas na comunidade

através da cultura, considerar o acesso à espaços de natureza é um processo espontâneo e simples, uma vez que a criança é natureza.

“Na minha trajetória pude trabalhar com crianças e adolescentes de diversas realidades, tanto crianças em situação de vulnerabilidade social que tinham contato com a natureza e outras pertencentes à uma classe social mais favorecida que não tinham. A saúde mental das crianças que possuíam contato com a natureza eram saudáveis fisicamente e mentalmente independentemente da classe social que ocupavam”. (sic. educadora escola rural 1)

“Isso sempre casado com o contexto regional, precisa fazer sentido, não dá pra você importar algo, ou aplicar uma receita pronta. Então quando a gente entende que existem essas quatro janelas para entender essas dimensões da natureza, que seriam a espiritualidade, a cultura, os comportamentos e os sistemas e estruturas. Quando a gente entende que existem fases na vida com características diferentes, com necessidades distintas, compreendendo os aspectos locais, esses são os ingredientes pra fazer um bom caldo do como”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

A afirmação das educadoras acima trazem uma importante reflexão que nos provoca a pensar na contextualização da aprendizagem com a natureza. Não adianta utilizar uma teoria pré-estabelecida e replicar uma ideia pronta sem considerar primeiramente o contexto, sócio histórico e cultural da comunidade na qual vai ser atendida. O olhar sensível em relação às nuances e diferenças culturais de cada lugar devem ser sempre consideradas e levadas à constituição do fazer aprendizagem com a natureza. No entanto, é visto pela primeira educadora que mesmo diante atravessamentos de vulnerabilidade social a presença da natureza é transformadora diante qualquer contexto, mesmo que em momentos ela pode aparecer como sombria e assustadora, há sempre um aprendizado e limites que devem ser respeitados.

Outro fator que foi explorado conceitualmente na pesquisa e que apareceu nas entrevistas foi o conceito da Ecofobia, que convoca aos profissionais que buscam considerar a natureza na educação, o cuidado para se fazer essa aprendizagem de maneira adequada, principalmente considerando as idades e o grau de conexão que os sujeitos percebem a natureza e o meio ambiente. Em outras palavras, deve-se considerar como as crianças que estão sendo trabalhadas se relacionam, se conectam e integram a natureza na sua existência.

(...) para cada grupo de faixa-etária você têm estratégias diferentes, que vão de acordo com cada fase da vida, o que nutre cada fase. (...) Projetos mais “vamos salvar o mundo” começam a fazer mais sentido (na adolescência), com um cuidado: não gerar a tal da Ecofobia criada por um interessante autor David Sobel, que escreve um artigo que diz que o cuidado que precisamos ter com essa galera é: “como que eu te motivo a te engajar nesta causa sem te dar o peso da responsabilidade de solucionar um problema que não foi você que criou”. Então se a pessoa chegou aos 14 anos passando por todos esses momentos de aprendizagem já tá tudo certo, porque já é algo que ela ama e que ela integrou. Caso contrário, precisa ter algum tipo de sensibilização antes de todo esse envolvimento de: “vamos tirar todos os plásticos do oceano, ou vamos reflorestar o lugar x”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

“(...)entrei em contato com um livro que falava sobre a Ecofobia, que hoje em dia as crianças não têm contato nenhum com a natureza, e quando elas têm contato com a natureza é através de algo negativo e punitivo, como: a água doce tá acabando, os ursos polares estão morrendo, o desmatamento em massa, e isso vai sendo construído para a criança, diferente de outras gerações que brincavam livremente na natureza temos uma geração que só entra em contato com a natureza por uma visão apocalíptica. Isso acaba gerando, não uma empatia com a natureza, e sim uma fobia, porque não pode encostar um dedo porque a natureza está acabando, não pode tirar uma folha da árvore porque a natureza vai morrer. (...)A educação ambiental já esta muito desgastada e focada em coisas que causam a ecofobia, plantar feijão no algodão, ver que o planeta está sendo destruído. E a aprendizagem com a natureza têm o enfoque em criar empatia com todas formas de vida, entender como a natureza sustenta a vida, tornar o invisível visível, e por isso eu falo que trabalho com aprendizagem com a natureza”. (sic. educador escola rural 1)

Visto isso, a trajetória de uma educação bem sucedida com a natureza também permeia diante a responsabilidade de um bom vínculo do educador com esse meio. Na medida em que também somos sensibilizados e conectados com esse lugar, podemos também transmitir às crianças que aquele é um espaço potente e importante. Não adianta falarmos de uma educação com a natureza que é transformadora apenas para as crianças enquanto os adultos também são beneficiados por ela. Tanto os educadores ou quaisquer profissionais que se integrarem à essa comunidade, a esse ecossistema vão ser modificados e transformados por ele. E cabe ao adulto também poder demonstrar para criança os limites e os espaços em que ela pode explorar e que são seguros. Propor o relacionamento livre, sem culpa ou receio com o meio ambiente faz com que o

educador se torne o facilitador, a ponte que une a possibilidade e a realidade, além de ser o agente responsável pela transmissão e pela troca das aprendizagens.

“(...)o que a gente observa são muitos professores que não possuem afinidade e proximidade com a natureza ao ponto de poder transmitir isso para às crianças ou seja, um professor que têm medo de segurar um grilo ou de subir em uma árvore você não é muito indicado para oferecer esse tipo de ensino. Por isso a necessidade de se formar um educador especificamente para isso”. (sic. educador escola rural 1)

“Então quando os adultos começaram a mudar, as crianças começaram a mudar. E quando essa oferta de oficinas diferentes, de atividades fora da sala, das crianças permeando todos os espaços da escola, com muita relação com a natureza e com os espaços de convívio da comunidade, então em uma aula de empreendedorismo social, as crianças quiseram mudar uma pracinha da cidade que estava abandonada”. (sic. diretora escola municipal)

Assim, fica claro que existe uma enorme potência das crianças em se conectarem com a natureza de uma maneira direta e natural, no entanto, enquanto os adultos e aqueles que oferecem o contato da criança com o mundo não se dispuserem a se reconectar e também abrirem espaço para a natureza entrar, as crianças vão aos poucos perdendo essa conexão, uma vez que o adulto que seria sua referência, não se transforma conjuntamente.

“O ponto inicial é que, no fim das contas eu sou natureza, você é natureza nós somos natureza, então porque não ficamos à vontade nesta grande casa que é a floresta, por exemplo. Porque temos tantos medos de tantos bichos se muito mais gente morre de acidente de carro do que de picada de cobra. O que a gente precisa desmistificar pra acordar essa memória que a gente têm? É o que a Alfabetização Ecológica vai chamar de linguagem da natureza, que a gente esqueceu por algum motivo. Então no fim das contas, talvez o objetivo de ancorar a proposta da natureza com a educação é o resgate dessa memória da linguagem da natureza pra gente fazer novas escutas, para que a gente possa ter uma atitude de fato proativa, no nosso processo evolutivo, entendendo que a maior tecnologia a ser desenvolvida somos nós mesmos, temos a potência de desenvolver, de escolha e de definir para onde vamos caminhar enquanto humanidade”. (sic. ex-coordenadora escola rural 2)

A questão da sensibilização e do trabalho tanto com as crianças e com os adultos atravessa sempre o desafio de se mudar o paradigma que estamos inseridos. O

esquecimento, o medo, a desconexão geram transtornos, fobias e sofrimentos para o mundo e para os seres que nele habitam. Como já foi trazido conceitualmente, por autores como Roszak, Hillman, e até o próprio Jung, precisamos escutar a dor do mundo pois essa dor também é nossa.

Como a educadora afirmou e é importante retomar: *“a maior tecnologia a ser desenvolvida somos nós mesmos”* então cabe a nós, cabe a psicologia, pensar em estratégias potentes que poderiam trazer as mudanças e transformações necessárias de cuidado e atenção para com o mundo.

“E nós sabendo hoje que umas das questões fundamentais do ser humano do século XXI vai ser como preservar essa natureza, como você cuidar desse ambiente, eu acho que vai ser impossível desenvolver um ser humano que venha a ter esse cuidado essa relação com a natureza de quase comunhão, porque o homem também é natureza, se ele não tiver esse contato. Ele vai continuar derrubando árvores, colocando agrotóxicos, a sensação de que a natureza é uma coisa viva, que passa por ciclos que nasce, cresce e depois morre. Esses ciclos do desenvolvimento que também se processa dentro da gente, eu vejo que ou a gente assume que somos seres humanos que habitamos esse planeta e com o qual a gente tem que trocar o que a gente recebe dele. porque a gente usufrui, mas na verdade o ser humano têm uma característica muito grande de não usufruir, mas de na verdade de extorquir, tirar usar essa natureza como um objeto e não como um sujeito como ela é, de coisas vivas”. (sic. diretora escola particular)

[...] quanto mais humanos nos tornamos, mais conectados à teia da vida estaremos. Aponta para nossa capacidade de estar em sintonia com a ordem da natureza, cuja culminância é sabedoria ecológica. Essa é uma habilidade vital para superarmos o impasse, porque a partir dela pode chegar a ser criada uma civilização em equilíbrio com a teia da vida (BILIBIO, 2013, p.137).

6. COLHENDO OS FRUTOS

A ciência termina nas fronteiras da lógica, o que não ocorre com a natureza, que floresce onde teoria alguma jamais penetrou. A venerabilis natura (venerável natureza) não para no antagonismo, mas serve-se do mesmo para formar um novo nascimento. (JUNG, 2011, v. 16/2, par. 524).

O material coletado nas entrevistas corresponde e vai além daquilo que a presente pesquisa se propôs a discutir. O fato de que foi possível entrar em contato com uma variedade de educadores de diferentes escolas proporcionou uma amplificação do olhar da educação com e na natureza enquanto lugar de cuidado e transformação, tanto para as crianças quanto para os adultos. Essa diversidade de encontros e perspectivas também se mostrou relevante na medida em que foi possível observar dados e processos comuns entre os seis entrevistados.

Encontrei perante muitas reflexões acerca das entrevistas e dos diversos encontros, teóricos e práticos diante o processo do despertar da consciência em relação ao cuidado e a construção de uma relação afetiva e profunda com a natureza, que a transformação começa na infância. Entendi que o Inconsciente Ecológico comporta a linguagem da natureza, sendo esta, a dinâmica psíquica na qual carrega e compartilha os padrões e relações afetivas dos seres humanos com o meio ambiente. “O inconsciente Ecológico é a conexão da consciência com a sabedoria auto reguladora da natureza; é instinto nas outras espécies e evolui para sabedoria ecológica em nós”. (BILIBIO, 2013,p.153).

Assim, a experiência da dinâmica das polaridades complementares que a natureza oferece através do que foi denominado por padrões ecológicos faz com que a criança possa experienciar, desenvolver e integrar os aspectos desse inconsciente ecológico. Uma vez integrados e expressados, as crianças que tiveram esse contato terão a chance de construir uma relação outra com o meio ambiente. O vínculo e o pertencimento à natureza fornece os mecanismos psíquicos e uma relação positiva que se faz necessária para se pensar em um processo de transformação do paradigma que hoje enfrentamos. Sem gerar transtornos ou fobias, as crianças que puderam compreender que são parte da natureza, desenvolvendo uma consciência e um vínculo profundo com a alma do mundo, vão poder escutar, acolher e cuidar desse espaço que também é seu.

Por isso, como futura psicóloga que teve a oportunidade de se perceber natureza, acredito que a Ecopsicologia, conversa com a Alfabetização Ecológica e que a transformação na educação juntamente à transformação do olhar da psicologia podem contribuir enormemente com a mudança necessária para ansiarmos por um futuro possível de ser sonhado.

É diante disso que observo possibilidades da inserção da psicologia, mais especificamente da Ecopsicologia Junguiana, na construção e desenvolvimento de um cuidado dos processos de conscientização e elaboração da nossa dimensão ecológica. Integrando as polaridades internas e externas, pessoais e planetárias poderemos propor maneiras pelas quais as novas gerações terão acessibilidade e possibilidades de ampliar e entrar em contato com áreas inconscientes e pessoais que possam compreender e transformar a realidade atual que grita socorro.

Cuidar do mundo, da natureza é uma questão de sobrevivência de todas as vidas que se fazem presentes no planeta. Proporcionar essa reflexão e lutar pela garantia dos direitos, de expressão e contato com a coletividade dessa experiência, é o motor para criarmos possíveis saídas e construirmos sociedades que pensem em possibilidades revolucionárias de se existir como parte complementar e não destruidora da natureza. A educação COM e NA natureza nessas escolas e outras diversas que já procuram modificar a maneira pela qual elas entendem o processo de aprendizagem é um ato revolucionário. Assim, convoco os profissionais da psicologia, da educação, da saúde a nos atentarmos à linguagem da natureza. Ela está se comunicando, através de seu potencial simbólico e através das crianças que são sensíveis à eles. Devemos procurar garantir a mudança ou será tarde demais.

A natureza carrega dentro de si um forte conteúdo simbólico na gratuidade e nas possibilidades com as quais se apresenta como fonte inesgotável de experiências por onde os seres humanos cumprem sua história. Ao pensarmos em abrir um espaço de educação para as crianças é inadmissível não se dar atenção a presença da Natureza como grande cenário através do qual elas movimentarão o corpo e irão conviver sensivelmente com os elementos relacionados à própria constituição da vida humana¹². - Peo.

¹² Citação feita pela educadora fundadora da Casa Redonda, retirada do material didático do curso de Educação Sistêmica da Escola da Toca, 2017, p.22

Referências Bibliográficas

AGOSTINI, Vanessa Ochi et al. Análise da Percepção Ambiental dos alunos visitantes do Museu de Ciências Naturais do CECLIMAR/IB/UFRGS, Imbé (RS). **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 8, n. 2, p. 93-102, 2014

BILIBIO, M. A. **De frente para o espelho: Ecopsicologia e sustentabilidade**. 2013. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14858>>. Acesso em: 7 de agosto 2018.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**. Editora Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof; EICHEMBERG, Newton Roberval. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CORRÊA, Andrea Raquel Martins. **Infância e patologização: crianças sob controle**. Revista brasileira de psicodrama, v. 18, n. 2, p. 97-106, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v18n2/a06.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

DUARTE, A. J. O. **Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung**. Junguiana, v. 35, n. 1, p. 05-19, 2017. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v35n1/v35n1a02.pdf>>. Acesso em: 13 abril 2018.

EVANS, L. **Developing a Jungian ecopsychology**. Psyche and Nature, Part 2 of 2. Spring: A Journal of Archetype and Culture, v. 76, p. 129-144, 2006.

HILLMAN, James. **A Psyche the Size of the Earth**, in ROSZAK, Theodore; Gomes, Mary & KANNER, Allen, Ecopsychology: Healing the Mind, Restoring the Earth. San Francisco, Sierra Club Books, 1995.

HILLMAN, James. **Código Do Ser, o**. Editora Objetiva, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl G. **Obras completas de CG Jung**. Vozes, 2011.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Brasil, 2016.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 1, p. 169-177, 2009.

PENNA, Eloisa MD. **Epistemologia e método na obra de CG Jung**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2013.

ROSZAK, Theodore Ed; GOMES, Mary E.; KANNER, Allen D. **Ecopsychology: Restoring the earth, healing the mind**. Sierra Club Books, 1995.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico**. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200010&script=sci_arttext
Acesso em: 14 de agosto de 2018.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: Women, ecology, and development**. North Atlantic Books, 2016.

SOBEL, David. Beyond ecophobia. **Great Barrington, MA: Orion Society**, 1996

STEIN, Murray. **Jung-O mapa da alma**. Editora Cultrix, 2004.

VON FRANZ, M.-L. C. G. **Jung: seu mito em nossa época**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

WHITMONT, Edward C. **Retorno Da Deusa, O**. Grupo Editorial Summus, 1991.

ANEXO 1

Entrevista: diretora pedagógica escola rural 1

A escola foi fundada em 2010 por 3 pais, uma união de pais da cidade que queriam um ensino uma educação de maior qualidade, diferenciada para seus filhos em Alto Paraíso de Goiás. Porque na época só existia ensino público, não existiam outras escolas, só a opção da escola pública então eles resolveram abrir uma escola. As únicas outras opções em 2010 eram duas escolas de ensino infantil da metodologia Waldorf, então eles precisavam de uma escola de ensino fundamental. Então eles se uniram e abriram uma escola e o olhar pra questão do meio ambiente veio daí: dos próprios pais que almejavam um ensino diferente para seus filhos. Então os próprios pais que moravam em Alto Paraíso, mas não eram nativos, tinham esse olhar de encantamento e amor pelo meio ambiente, pelo cerrado, pela preservação então eles achavam que isso tinha que fazer parte da educação dos filhos deles também, o olhar para o meio ambiente. Outra característica da escola logo que ela se iniciou era que o ensino seria diferenciado do ensino tradicional, então desde o princípio foi utilizada a metodologia com trabalho por projetos, que foi se modificando muito durante o processo da escola. esses pais montaram uma equipe mas tinha muito uma filosofia voluntária, pais professores voluntários, pais que trabalhavam na escola e crianças que não eram pagantes, o que foi ficando muito insustentável porque toda hora eles tinham que ficar investindo do próprio bolso. Uma situação um pouco complexa, nenhum deles entendiam muito de educação, eles não eram pedagogos então não entendiam muito dos trâmites legais e muitas coisas que eles foram se atrapalhando e depois de três anos eles fraquejaram e não começaram a conseguir manter a escola. E passaram a escola para uma outra pessoa que não tinha nada a ver com a educação que era um entusiasta, apaixonado pela educação acreditava que era através dela que iria se fazer alguma mudança no mundo. Ele fazia terapias alternativas e nesse momento ele se empenhou e abraçou a causa da escola, e comprou a escola e assumiu a direção e um ano depois não conseguiu manter a escola que já estava declarada falência e ia fechar, nesse momento o Lama Padma Santen que é um Lama da linhagem budista Tibetano estava em Alto Paraíso fazendo um retiro e um dos participantes era um dos pais da escola. E no meio de uma palestra o lama também menciona que acreditava na educação e que ele tinha essa inspiração de ter mais escolas sob o comando do instituto, uma ONG sem fins lucrativos dele e esse pai foi falar com ele e contar a situação da escola e perguntou se ele não queria apoiar essa escola. Ai o lama gostou da escola, investigou e ficou decidido que o Lama ia abraçar a causa da escola. O instituto tem duas vertentes: a religiosa para ensinar o budismo e disseminar a ideologia budista, na qual estão espalhadas pelo Brasil inteiro e na qual ele coloca pessoas da confiança dele para ensinar sobre o budismo e o Instituto Caminho do Meio que é uma ONG de ordem da atuação social no mundo, além da parte religiosa, deve-se fazer trabalhos em prol da melhora das diversas situações, não vinculadas à religiosidade. Então ele criou o Instituto para realizar ações que não são vinculadas à religiosidade. E nesta época foi instaurado o Instituto Caminho do Meio de Alto Paraíso com algumas pessoas na direção que são alunos antigos do Lama, de confiança, e o instituto chega como Instituição Mantenedora para cuidar da Escola Vila verde, que já tinha uma trajetória, mas o instituto chega. E nesta chegada estava o antigo diretor, e ele que começou a estruturar melhor, primeiro em termos administrativos e financeiros e depois pedagogicamente. A primeira grande mudança é relacionada a pedagogia de projetos que a gente utiliza aqui, que é um dos diferenciais. A pedagogia de projetos pressupõe que se trabalhe a mesma temática, trabalha diferentes áreas diferentes matérias, então você escolhe um tema e a partir daquele

tema você trabalha todas disciplinas de uma forma que não fica compartimentalizada, que não fica sem sentido às áreas sem conexão, que anteriormente é trazida pelo professor, quando o instituto chegou essa metodologia foi se tornando algo mais voltado ao alunos, pensando na autonomia e acreditar e dar valor para as capacidades desse estudante dando valor à autonomia e o protagonismo.

Então, hoje o estudante escolhe o que ele estuda, o professor é um mediador que à partir da escolha do estudante, problematiza os temas que são trazidos, pensa à respeito e media o conhecimento junto. Mas quem busca a informação, o tema, o pesquisador da situação, quem vai atrás dos conteúdos é o estudante. O estudante organiza e estrutura aquele projeto do que ele vai querer fazer e o professor fica de coadjuvante, ajudando mediante para trabalhar a questão da autonomia e do protagonismo desse auto-gerenciamento do estudante.

O olhar para o meio-ambiente veio naturalmente junto com o histórico e com o olhar budista. A escola não é religiosa, não se ensina o budismo, não é uma escola confessional, não têm aula de religião. Porém os valores em última instância, valores humanos que têm à ver com a filosofia budista estão arraigados, impressos da maneira como se olha pro ensino, e para educação. Hoje a missão da escola, desde a chegada do Instituto traz a missão de educar para felicidade, educar para cultura de paz.

Faz parte dos valores e da visão budista, a interconectividade entre tudo e todos os seres então o quanto estamos interrelacionados, ou seja, no minuto em que eu faço alguma coisa no mundo, aquilo vai voltar pra mim de alguma forma, e assim boas ações geram boas coisas ao nosso redor, e más ações geram coisas mais complicadas.

E o meio ambiente não deixa de ser isso: trabalhar com a natureza é esse mesmo olhar, faz parte dessa filosofia de base de um olhar que serve pra tudo: pras relações, para o conteúdo, para ser um estudante. A natureza era mais um desses componentes que a gente acreditava ser muito importante de ser trabalhado. Entra como um terceiro elemento educador: estudante professor e o ambiente que estamos inseridos, e ele é um educador o tempo inteiro. A gente preza um ambiente de harmonia de paz e respeito, felicidade. Todo o ambiente, ou seja, a natureza têm que estar com a gente em harmonia em consonância.

A escola é em uma área rural, configuração em que coexiste o templo, uma comunidade que vive acredita nesse funcionamento, e existe a área da escola, mergulhada no contexto rural, sem muros sem paredes pois entende-se que fazemos parte desse todo, e isso foi construído no que chegou o Lama, porque anteriormente à escola estava em urbana, em prédios.

Olhar para o meio ambiente faz parte da cultura local, a valorização e o cuidado com a natureza, então faz parte da cultura da escola e juntamente ao Lama, que é um grande ambientalista e se preocupa com essas questões e têm esse olhar, isso só se reforçou. E isso se dá na escola de uma forma extremamente natural, a gente tá no meio do mato e interagimos o tempo inteiro com as crianças, à gente acredita que é de extrema importância então, a gente faz muitos passeios, anda muito fazemos trilhas vai em cachoeiras piqueniques. E faz parte da filosofia o desemparedamento - a parte pedagógica converge o tempo inteiro, porque acreditamos que a aprendizagem acontece em qualquer contexto em qualquer lugar, a gente aprende o tempo todo durante toda nossa vida e não é somente dentro de uma sala de aula entre quatro paredes numa lousa necessariamente, porque a escola têm esse enrijecimento.? Não há necessidade, as vezes chove, precisamos de um contorno, mas acreditamos que a aprendizagem acontece na vida de uma forma prática acima de tudo, acreditamos no ensino na prática e então estar na natureza, viver na natureza caminhar e aprender com ela é parte fundamental. Se vamos falar de geografia a gente vai sair e olhar não adianta ficar olhando para uma foto no livro e tentar entender o que é aquele conceito.

Acreditamos muito na mistura da teoria com a prática e o meio ambiente caminha junto, acompanha porque faz parte de toda aprendizagem com qualquer conteúdo.

O desafio não tem a ver com algo relacionado a natureza, porque aqui temos uma diversidade e vastidão de espaço e bioma. Nossa dificuldade têm a ver com a nossa filosofia. Temos poucos alunos por sala pois acreditamos um um trabalho individualizado, por isso a gente têm uma grande dificuldade financeira. Muitos são bolsistas, um quarto são bolsistas e aí temos uma dificuldade de se manter muito grande, financeiramente falando. Acho que fazer escolas que visam à educação em contato com a natureza, como elas têm que estar fora das cidades, e mesmo estando nas cidades elas teriam que ser em terrenos amplos, e pensando nas dificuldades, seriam relacionadas ao transporte. Quanto mais afastado, mais rico é, em relação ao contexto de escola em ambiente rural. Aqui os alunos chegam de transporte escolar contratada pela escola.

Temos vários referenciais teóricos, mas especificamente para o seu trabalho utilizamos o Fritjof Capra ligado a Alfabetização ecológica e a aprendizagem com a Natureza.

Percebo muita diferença, sou de São Paulo capital e vivi 30 anos da minha vida na cidade e convivi e trabalhei 15 anos com educação, vendo às crianças dentro de prédios, concreto, cimento, portões portas, enfim. Digo para além das crianças digo também sobre mim, nossa escola, estudantes e a equipe são pessoas mais tranquilas, mais leves são crianças menos agitadas, até têm agitação mas é outro nível. Existem conflitos mas são menos agressivos. São estudantes felizes, interessados e alegres que gostam da escola.

O que a gente mais escuta, é que não existe nenhum caso, de nenhum estudante que não queira vir pra escola. Temos todas as famílias dando feedback de que as crianças amam a escola e amam ir para escola, e no final de semana ficam tristes de não ter aula. São pessoas que são felizes no ambiente em que convivem. Acredito que isso têm muito a ver com o lugar físico, o quanto é bonito, o quanto estar no meio da natureza é silencioso, estar na natureza convida eles naturalmente a um mergulho interno que é equilíbrio, de não precisar estar superestimulados como é numa cidade grande na qual eles ficam loucos, agitados e nervosos. Eles têm aula de cultivo, e é interessante observar o quanto é um outro nível de relação com tudo, com o planeta, com a terra com os animais, com o próprio alimento. Eles veem o processo todo do plantar, colher, em sp é completamente diferente, eu costumava ouvir de crianças pequenas coisas como: Da onde vem tal coisa? Ah do supermercado. Uma total desconexão das coisas que gera uma desconexão do ser e das emoções, do racional, uma série de questões que traz de consequências, não à toa muitas crianças em cidades grandes estão sendo medicalizadas, e aqui é ao contrário, eles plantam eles colhem estão em contato direto com a terra, acho que tudo isso influencia muito à relação que eles têm com o planeta. Aqui quando aparece um bicho, já que estamos no meio do mato, existe um carinho um cuidado com o que eles pegam o bicho e levam de volta à natureza, é um cuidado genuíno com uma vida. Eles realmente têm isso intrínseco por viver isso naturalmente. Outro dia às crianças estavam aflitas pois um passarinho caiu do ninho e estava machucado, elas queriam cuidar do passarinho, o tempo inteiro querer cuidar dos animais, cuidar da natureza, cuidar das plantas. Acho que voltamos na interconectividade. Não precisamos discursar, falar à respeito, eles vão vivenciando o mundo e o quanto estamos todos interligados.

Temos sala de educação infantil ao nono ano fundamental, todas elas têm professor-tutor na sala. Diferente das escolas tradicionais que no sétimo ano têm um professor por matéria aqui temos um professor que da tudo, porque ele é o mediador dos projetos. Nossas salas são bi-seriadas, o que significa que temos sempre dois anos misturados na mesma turma. Ou seja, as crianças de 4 e 5 anos estudam na mesma sala, várias duplinhas e eles despertam com isso uma empatia, compaixão, um cuidar e ser cuidado, uma hora liderar e outra hora ser

liderado, uma coisa de humildade, gera uma natural atenção para as relações humanas essa vivência. Isso é uma característica da escola e o professor tutora esses projetos, ou seja, e a cada bimestre se trocam projetos. Inicia o bimestre e desenvolvem os projetos, os estudos, as pesquisas às informações, a elaboração daquilo, e no final do bimestre há uma grande feira de compartilhamento de saberes e após esse encerramento, muda o bimestre e começam outros projetos. Os projetos dependem da idade, os menores fazem apenas um projeto por bimestre, os mais velhos vão fazendo dois três até no oitavo, nono ano eles vão fazendo quatro projetos por bimestre que é quando eles vão ganhando mais autonomia, dão conta de mais conteúdos e responsabilidades. O dia a dia, eles chegam às 8 da manhã, comem o lanche que é oferecido pela escola pois faz parte da filosofia e da pedagogia da escola esse cuidado com a alimentação saudável do alimento não industrializado, alimentos orgânicos, muitas vezes plantados e cultivados aqui. Eles comem na própria sala, todos juntos é um momento também pedagógico pois é um momento da união de estar junto todos compartilhando daquela refeição. Depois têm recreio de meia hora entre 10:30 - 11:00 eles têm mais uma aula até o meio dia.

Além do professor tutor, eles têm algumas aulas de professores pontuais de algumas áreas, os professores especialistas, que são: inglês, música educação física, aula de cultivo e aula de educação alimentar em que passam pelas turmas uma vez por semana.

ANEXO 2

Entrevista: educadora da escola rural 1

Trabalho com educação há 20 anos, e trabalhar no interior do Goiás com as crianças já significava trabalhar em contato com a natureza, porque elas brincavam no meio do mato, a realidade delas era estar na natureza. Iniciei meu trabalho com o projeto PETI do ministério da educação no qual é um Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, nesse trabalho, já existia a demanda de trabalhar com a natureza, pois existe a proposta de se trabalhar com o cotidiano e a realidade daquelas crianças. E nesses 20 anos também trabalhei com a fitoterapia, trabalhando com as plantas medicinais do cerrado, trabalhando com crianças e adolescentes.

Acredito muito nisso, a gente vê muita diferença e satisfação das crianças estarem em contato com a natureza, ainda mais que isso é o natural deles. São crianças criadas em cachoeiras e no próprio curso de ervas que eu ministrava eu tinha aula com eles, não era eu que dava a aula. Minha vó usa isso pra xarope, eu uso isso pra dor de barriga...

É muito satisfatório e muito leve você ter aulas de campo, você estar na natureza, dar aula embaixo de uma árvore. Eu sempre trouxe isso para meus contextos pedagógicos. E em contextos em que não tínhamos nem uma sala ou estava muito calor, dar aula ao campo, na sombra de uma árvore é muito natural, muito gostoso.

Além disso eu vejo o desenvolvimento, em estatísticas e estudos de comprovam que as crianças que estão em contato com a natureza se desenvolvem com mais facilidade. A própria conexão com o reino vegetal, situações em que oferecem um ambiente de melhor qualidade de oxigênio, a harmonia, e também falando pelo lado místico, que ao mesmo tempo o científico comprova, de leveza e transmutação de energia. Isso pra mim eu sempre comprovei, ali existe mais liberdade de que numa sala de aula, gerando mais vínculos, em uma aula de campo se conversa de mais coisas como formação humana. Hoje em dia eu trabalho com o movimento contrário. Eu trago adolescentes de grandes capitais que nunca tiveram contato com nada, nunca pisaram na terra, e eu trago para a Chapada. É muito fantástico, o último grupo que eu trabalhei foi uma escola particular do Morumbi de São Paulo e eu fiquei chocada com a quantidade de remédio que os adolescentes tomam. Remédio pra dormir, acordar, comer, ansiedade e depressão. Os professores deles carregam caixas de remédio para os adolescentes. Vemos o quanto que isso causa uma desarmonia humana, o fato do adolescente que está em meios hiper urbanos. E eles me pediam, quando andamos pelo cerrado fazendo oficinas de fitoterapia. Poder vivenciar, tudo isso e eles saem maravilhados, eles nunca plantaram e no começo não querem se sujar na terra, e eu digo: A terra não é suja, é da terra que vem o alimento que a gente come, colhe. E eles ficam maravilhados com a oportunidade de poder plantar, e eu acredito muito que isso gera uma conexão e uma outra qualidade de vida.

Quando a escola passa o retorno, a avaliação deles do que foi vivido é fantástico como vemos a transformação social.

Minhas experiências sempre foram muito positivas, sou uma pessoa que pratica de uma vivência na natureza. Com meus próprios filhos, fornecer esse contato direto com a natureza, comer terra faz parte e uma alimentação orgânica saudável fez com que eles nunca precisassem ir ao hospital, ou tomar qualquer tipo de antibiótico ou anti-inflamatório.

Isso é mais do que um retorno de que essa formação o desenvolvimento das bactérias na natureza, são formadores da criação do sistema imunológico humano.

E o processo pedagógico ligado às aulas de campo, são fundamentais para o corpo e a imunidade da criança. Tomar sol, cair, machucar, correr e andar descalço, tomar banho de cachoeira, tudo isso a gente pode observar em escolas que oferecem a natureza como lugar de aprendizado e desenvolvimento da criança.

Na minha trajetória pude trabalhar com crianças e adolescentes de diversas realidades, tanto crianças em situação de vulnerabilidade social que tinham contato com a natureza e outras pertencentes à uma classe social mais favorecida que não tinham. A saúde mental das crianças que possuíam contato com a natureza eram saudáveis fisicamente e mentalmente independentemente da classe social que ocupavam.

Uma experiência que tive recentemente, foi na Amazônia, pude trabalhar no único magistério do mundo que é dentro da selva, um projeto inovador do MEC, com o ICMBio no qual são estudantes do ensino médio de diversas faixas- etárias dentro da selva amazônica, dentro de uma reserva extrativista no estado do Pará. É impressionante de ver a saúde mental dos adolescentes. Eles vivem na selva, e quando vão para a cidade são três dias de viagem da cidade mais próxima que é Altamira. Então eles vivem lá, criados lá mesmo em contato com recursos tecnológicos como energia, celular que facilitam existência deles, a saúde mental, a garra e a força daqueles meninos não têm igual em lugar nenhum.

O projeto é numa reserva extrativista pois eles buscam realizar acordos de paz entre a população ribeirinha e os povos tradicionais, uma questão que a própria lei não favorece. Existe muita injustiça, e o que eles buscam é se estruturar cognitivamente para serem inseridos no contexto global, de fora e também garantir o direito deles. E dessa maneira, pela reivindicação de uma escola lá, quando perguntado o porquê, é aí que vemos a saúde mental deles, na fala em que querem se empoderar das políticas públicas, para preservar e acabar com as disputas de terra. Assim foi montado um magistério para oferecer o suporte para que os meninos pudessem se empoderar de seus direitos. Nunca imaginei conhecer adolescentes dessa faixa etária louca com tanta pureza, garra, meninos que estão ligados e acreditam verdadeiramente na natureza.

As aulas são realizadas no período de um mês, manhã, tarde e noite e você não vê ninguém cansado, eles têm sede de aprender.

Meninos que estão no contato íntimo, nesse invólucro da natureza, como eles são preservados com os verdadeiros valores, eles não são corrompidos, mesmo tendo acesso à essas tecnologias possuem outra constituição mental por estarem lá dentro. Então toda a minha formação como pedagoga, têm contato com a natureza, não estamos lidando com máquinas, são seres em formação. Eu gosto e sempre gostei de trabalhar na educação com a natureza mas é maior que isso, é o processo de formação humana. Converso muito com os meus estudantes sobre conscientização, à gente vê que existe uma geração linda que está em contato com a natureza, e que realmente está com essa consciência.

Já esses meninos que não têm contato com a natureza eles não têm, não que não sejam pessoas sensíveis mas não é claro para eles os valores de mundo e de consciência planetária. Preservar a água, as matas, eu vejo nitidamente que fornecer contato da natureza no ambiente pedagógico ocorre uma valorização da formação humana, além da saúde física.

ANEXO 3

Entrevista: educador da escola rural 1

Quando eu era criança eu sempre gostei muito de bicho de animais, e queria ser veterinário, conversando com uma amiga do meu irmão ela me disse que veterinário cuidava de bicho doente, e quem cuidava e estudava os animais saudáveis e felizes na natureza era o biólogo. Assim, com 8 anos já sabia que queria ser biólogo, e minha trajetória acadêmica sempre soube que queria ser professor.

No ensino médio já tinha completa clareza que queria ser biólogo e na faculdade já sabia que ia ser professor. Durante meus estudos conheci a Permacultura, que conseguia integrar bem o que eu queria trabalhar a ecologia com uma coisa mais prática, e comecei a trabalhar com permacultura com crianças, no contra turno escolar, no que eu chamava Educação Permacultural, no entanto, comecei a perceber que estávamos oferecendo tecnologias que estavam muito distantes da realidade das crianças. Mostrávamos como construir banheiro seco, fazer compostagem de lixo e no final das contas a criança voltava para casa e utilizava o banheiro tradicional e jogava o lixo para o lixeiro recolher. E isso talvez não era apropriado exatamente para as crianças, que iam para lá para ter contato com a natureza, o que era mais legal era subir nas árvores e observar os animais e não ficar estudando e vendo como a água doce do planeta está acabando e quando você dá descarga são 20 litros de água potável que se vão. E foi nesta época que entrei em contato com um livro que falava sobre a Ecofobia, que hoje em dia as crianças não têm contato nenhum com a natureza, e quando elas têm contato com a natureza é através de algo negativo e punitivo, como: a água doce tá acabando, os ursos polares estão morrendo, o desmatamento em massa, e isso vai sendo construído para a criança, diferente de outras gerações que brincavam livremente na natureza temos uma geração que só entra em contato com a natureza por uma visão apocalíptica. Isso acaba gerando, não uma empatia com a natureza, e sim uma fobia, porque não pode encostar um dedo porque a natureza está acabando, não pode tirar uma folha da árvore porque a natureza vai morrer. E aí, pensei em algo que poderia trazer mais empatia das crianças pela natureza, e pesquisando foram duas iniciativas: a Forest School e a Green School em Bali na Indonésia. Fui pra Austrália fazer um curso de permacultura e em Bali, entrei em contato com sistematizações sobre o que deveria ser o contato com a natureza em diferentes faixas etárias. E lá lendo o trabalho do Capra, comecei a ler sobre a Alfabetização Ecológica, e essa sistematização foi muito importante, que traz idéias para o desenvolvimento da inteligência ecológica.

Na Green School dei uma aula que chama Green Studies (estudos verdes). Uma aula na qual um profissional seria designado a dar aula especificamente sobre a aprendizagem com a natureza, não dissolvida em todas as disciplinas. Pois o que a gente observa são muitos professores que não possuem afinidade e proximidade com a natureza ao ponto de poder transmitir isso para às crianças ou seja, um professor que têm medo de segurar um grilo ou de subir em uma árvore você não é muito indicado para oferecer esse tipo de ensino. Por isso a necessidade de se formar um educador especificamente para isso.

Ao retornar ao Brasil, recebi o convite para trabalhar em uma escola no interior de São Paulo, a Escola da Toca, dentro da Fazenda da Toca em Itirapina. E nessa escola eu pude trabalhar com a aprendizagem na natureza, inicialmente definido pela Rita Mendonça, uma das educadoras mais antigas na área. E esse nome tira a palavra “ensino” que é centrada no conteúdo para algo que aprendi na Green School que é uma aprendizagem centrada no aluno e não no conteúdo, assim a gente tira o peso do ensino e pensa na criação de condições para

que as crianças possam aprender. E esses termos, educação para alguma coisa, ensino de qualidade, e na verdade a gente não ensina nada pra ninguém, temos que pensar em maneiras de aprendizagem, e assim a aprendizagem com natureza define muito bem o trabalho que procuramos fazer. A educação ambiental já esta muito desgastada e focada em coisas que causam a ecofobia, plantar feijão no algodão, ver que o planeta está sendo destruído, e a aprendizagem com a natureza têm o enfoque em criar empatia com todas formas de vida, entender como a natureza sustenta a vida, tornar o invisível visível, e por isso eu falo que trabalho com aprendizagem com a natureza.

Não só pelo meu próprio achismo, hoje em dia temos a sorte de ter evidências na literatura de que o contato das crianças na natureza nas escolas traz diferenças em muitos aspectos. Na aprendizagem, e não me refiro a conteúdos especificamente relacionados à natureza, o fato de as crianças estarem imersas na natureza e terem mais contato com a natureza isso deixa elas mais dispostas a aprender sendo referente à qualquer assunto, sendo matemática, ou português. E isso fica muito mais evidente quando se têm experiências em escolas mais enclausuradas, em termos de aprendizagem é muito mais fácil.

E em termos de comportamento também, eu vejo que crianças com menos contato com a natureza apresentam os mesmo sintomas que animais de cativeiro. No meu mestrado estudei e comparei o comportamento de animais de cativeiro e animais de vida livre e lendo a obra do Richard Louv eu percebi que hoje o que se faz com às crianças nos dias de hoje, a rotina que submetemos às crianças nas escolas faz com que as crianças apresentem os mesmos sintomas que animais em cativeiro. São crianças que estão mais estressadas, que brigam mais entre elas, crianças que apresentam mais sintomas de obesidade, mais dificuldade de aprendizagem e os mais diversos sintomas comportamentais.

Então numa escola tipo essa, temos que fazer pouquíssimas intervenções, não que estejamos livres do conflito mas igual às escolas cimentadas e gradeadas não é a mesma coisa. Aqui existe um ambiente muito mais propício tanto para a aprendizagem quanto ao desenrolar de um trabalho sem muito estresse.

Então não só nas crianças mas como na gente esse contato é significativo. Eu me estresso muito mais estando em ambientes fechados. Em relação ao desenvolvimento, eu acho que quando temos a oportunidade de andar e se movimentar mais, eu vejo que as crianças ficam mais desvoltas fisicamente. As “crianças de cativeiro” são muito mais retraídas enquanto as crianças que estão em ambientes abertos são bem malemolentes e isso repercute no campo relacional. Na relação com o educador e entre elas é muito diferente, nesse contato mais aberto.

ANEXO 4

Entrevista: diretora da escola municipal

O projeto começa através de uma ligação entre a cidade de Itirapina e o Instituto Toca, um instituto que tinha dentro da Fazenda da Toca, uma fazenda aqui do município que é do Abílio Diniz, e ele fazia um trabalho já dentro da fazenda, com uma escola diferente e inovadora, que eles foram pesquisar e já tinha um projeto piloto lá. E eles queriam estender isso, lá eles aplicavam os conceitos do desenvolvimento integral na escola e a Alfabetização Ecológica, na relação da criança com a natureza e eles queriam tirar de dentro da escola que tinha dentro da fazenda e levar isso, expandir para as escolas do município. Precisava começar por uma escola, e escolheram a nossa porque a escola Dulce fica num bairro mais simples, é um bairro que tem muitas crianças em situação de vulnerabilidade social, porque a cidade tem dois presídios, um de segurança mínima e outro de segurança máxima, e a população desse bairro cresceu muito em torno disso. O crescimento desenfreado se deu pela família daqueles presos que não recebiam assistência. Então sempre fomos uma escola com muitos casos, não só de vulnerabilidade social, mas de crianças muito agressivas, que as crianças refletiam na escola devido à falta que tinham e viviam em casa. Eles se batiam e se chutavam muito, o IDEB (índice de desenvolvimento da educação básica) era muito baixo e as crianças não aprendiam.

Então as pessoas na Toca queriam fazer um trabalho num lugar que realmente fosse transformador o trabalho. E a gente começou essa parceria com eles em 2016. Eles ficaram, o pessoal da toca, dois anos e meio todos os dias dentro da escola no período da tarde, de manhã era aula normal porque a escola é período integral e a tarde tinha uma equipe de doze pessoas que ajudavam a gente a começar esse projeto. Então tinham músicos, pessoas da ecologia, tinham artistas, psicóloga, apoiadores institucionais, pessoas de várias áreas que vieram somar com a gente. Porque eles não quiseram pegar os saberes e experiências deles e só passaram. Eles quiseram construir uma coisa nova, desde o começo foi um trabalho de co-participação. Eles traziam as experiências e a gente pesquisava, a gente falava o que queria pra escola e a gente começou a traçar o que a gente queria pra escola, com bastante conversa decidimos que queríamos uma escola não só de tempo integral mas também de desenvolvimento integral. E que a arte, a música e a natureza tivessem por todos os lugares, permeando em todos os lugares na escola. E a gente começou a transformar. Fizemos visitas em várias escolas, várias instituições, a gente estudou, pesquisou, e começou a fazer esse trabalho em que todos os dias à tarde um professor da escola tinha uma parceria com um desses formadores. E começamos a mudar as oficinas da escola porque o período da manhã é mais difícil mudar porque existe a grade curricular enfim, as demandas que a gente precisa atender. Mas no período da tarde à gente conseguiu mudar, e por ter menos gente no período da tarde a gente conseguiu distribuir as crianças de outra forma, não dividíamos mais por série, eles escolhem o que querem fazer, do primeiro ao quinto ano eles se misturam, então a gente oferece um cardápio de oficina para eles, coisas que os professores queiram fazer. Então tem professor que da aula de tambor, professor que da aula de jardinagem, de culinária, de mosaico, várias coisas, tinham mais de 30 oficinas. E as crianças escolhiam, e tanto os professores escolhiam o que eles queriam fazer quanto às crianças escolhiam. Nisso em paralelo, eu como gestora realizava um trabalho com os funcionários da escola também. Eu tinha reunião duas ou três vezes na semana pra ver o que eles queriam, o que eles achavam, eles também passaram por esse processo. A gente começou a formar os funcionários para que eles entendessem que pra escola transformar, eles tinham que mudar a postura deles

também. Eles tinham que acolher as crianças e também respeitar. Em cidade pequena tem a questão de muita fofoca então a gente começou a trabalhar isso também, resolvemos tudo em grupo, todos têm voz, e aos poucos, depois de muita formação isso foi mudando. Então quando os adultos começaram a mudar, os adultos começaram a mudar. E quando essa oferta de oficinas diferentes, de atividades fora da sala, das crianças permeando todos os espaços da escola, com muita relação com a natureza e com os espaços de convívio da comunidade, então em uma aula de empreendedorismo social, as crianças quiseram mudar uma pracinha da cidade que estava abandonada. Então eles foram colher os dados com os vizinhos do porquê estava abandonado o que tinha acontecido, o que eles queriam. Eles fizeram pesquisa e foram vender chorume da escola, porque a escola tem um minhocário que dá chorume, e com esse dinheiro, as crianças compraram mudas para plantar na pracinha, foram falar com o prefeito, pintaram a praça, plantaram fizeram festa, foi a coisa mais linda. Então, o que a gente tenta fazer: a gente tenta pegar o que já têm, o que precisa ser transformado e coloca as crianças pra fazer isso e coloca os conteúdos dentro disso. Por exemplo, tinha um canteiro abandonado, de horta e eles foram pesquisar o que era horta permacultural, com agrofloresta, e eles foram conhecer a fazenda da Toca como era e foram pesquisar tipos de solo, o que precisava fazer e nisso, eles fizeram tudo, eles botaram a mão na massa, aprenderam o que era perímetro medindo o tamanho que deveria ser a horta da escola, qual o tipo de terra, o tipo de muda. A gente tenta usar da prática, da vivência para criar significados para as crianças. E esse trabalho foi fazendo as crianças se acalmarem, por darmos mais espaço pra eles falarem e se escutarem, eles aprenderam a resolver mais os conflitos deles. No começo quando eu entrei na gestão era problema atrás do outro pra ser resolvido e hoje não acontece mais isso. Não vou dizer que melhorou 100% porque existem famílias mais difíceis então a gente busca parcerias com as secretarias da saúde, assistência social, conselho tutelar, mas é minoria, hoje é uma outra escola.

O que eu acho mais legal é que quando eu entrei aqui essa era a escola que ninguém quer, ninguém quer ir dar aula, e hoje já é o contrário, a gente vê pessoas de outras cidades já querendo vir aqui por conta da proposta, e isso me deixa feliz porque é o resultado de muito trabalho. E a inserção da natureza fez transformações principalmente na questão da conexão comigo mesmo, porque como as crianças estão inseridas numa realidade muito difícil, eles não conseguiam lidar muito com isso, e esse contato com a terra, de mexer, fez com que pudesse notar mais tranquilidade no comportamento deles, eles canalizaram tanto isso, fora que houve transformações também nas famílias, a relação da família com a escola, por conta desse contato com a natureza melhorou muito. Porque trouxe aquele resgate das famílias de costumes de antigamente. As mães, as avós começaram a trazer mudas pras escolas, as crianças levam mudas da escola pra casa e contam pra gente essa experiência. E eles também se sentem livres, não é nada dirigido, a gente oportuniza as propostas do brincar livre na natureza e então isso tem um significado muito grande pras crianças de conexão com o mundo e importância dele. Então tudo eles melhoraram, a relação com o lixo, com o cuidado com a água, entender e querer descobrir o que cada planta serve. A gente tem até um canteiro de PANC (plantas alimentícias não convencionais) na escola, elas explicam direitinho. “Você sabe o que é PANC?” e os pais não sabem né, e eles falam: “É plantas alimentícias não convencionais!” É tão bonito de se ver. Então essa relação melhorou muito, e o envolvimento com a família foi algo muito significativo. Eu percebi que isso melhorou bastante. As crianças brincam de fazer comidinha com as flores é muito lindo esse brincar.

A gente tem crianças de 4 a 11 anos na educação infantil ao ensino fundamental. E sabe o que eu acho legal também, a gente tem duas escolas no município que a hora que termina o ciclo do quinto ano, enviam para uma outra escola de ensino fundamental dois do sexto ao

nono ano. E todo ano eles comentam conosco como é diferente a postura das crianças que passaram pela nossa escola em relação à outra escola. Não em relação ao desempenho escolar em si, mas como as nossas crianças são mais articuladas, mais envolvidas, como elas possuem uma oralidade melhor, como elas conseguem resolver situações problema com mais facilidade. Porque não é só resultado de aprendizagem, o mais legal é isso, conseguir preparar as crianças pra vida, para o mundo, então essas coisas são muito importantes. Enquanto as escolas não entenderem que elas não formam uma criança pra ela ser boa no resultado de uma prova mas sim pra vida, ai que tá à verdadeira mudança, a gente precisa ter esse olhar, essa relação com a natureza, com as artes, com a música mas principalmente como eu respeito o outro, escuto e posso construir junto é muito mais significativo no resultado da aprendizagem, porque a aprendizagem acontece.

ANEXO 5

Entrevista: fundadora da escola particular

Então, eu acho que se tratando das crianças que estão se iniciando no conhecimento do habitat natural delas que é o planeta terra. Elas estão chegando aqui né, e a natureza é a grande representante desse planeta, no sentido de que através da natureza a criança têm contato com a terra com a água o fogo, com o ar. E justamente pelo processo de desenvolvimento físico que elas estão vivendo. A criança na verdade apreende nesta primeira infância na verdade com o contato direto com as coisas, ela não aprende através de conteúdos teóricos ou que puxem somente pelo intelecto, ela precisa sentir.

E nós sabendo hoje que umas das questões fundamentais do ser humano do século xxi vai ser como preservar essa natureza, como você cuidar desse ambiente, eu acho que vai ser impossível desenvolver um ser humano que venha a ter esse cuidado essa relação com a natureza de quase comunhão, porque o homem também é natureza, se ele não tiver esse contato. Ele vai continuar derrubando árvores, colocando agrotóxicos, a sensação de que a natureza é uma coisa viva, que passa por ciclos que nasce, cresce e depois morre. Esses ciclos do desenvolvimento que também se processa dentro da gente, eu vejo que ou a gente assume que somos seres humanos que habitamos esse planeta e com o qual a gente tem que trocar o que a gente recebe dele. porque a gente usufrui, mas na verdade o ser humano têm uma característica muito grande de não usufruir, mas de na verdade de extorquir, tirar usar essa natureza como um objeto e não como um sujeito como ela é, de coisas vivas. Eu vejo que a grande revolução da educação é essa, começar a introduzir no processo de desenvolvimento da infância a relação dessa criança com a natureza porque isso significa que ela se integra nessa natureza, se descobre como natureza, e a é grande aprendizagem da diversidade né. Porque cada planta têm um formato, cada flor é de uma cor, como se aprende às diferenças e se respeita? A natureza é um livro dessa aprendizagem, desses ciclos em que as coisas não são lineares a evolução não é uma linha reta. e nós também estando no brasil, país tropical, com uma riqueza de uma variedade extraordinária, a natureza como abundância e exuberância. é inserir a criança em seu habitat ela precisa disso, se reconhecer reconhecendo a natureza. E quanto mais a educação fica dentro das salas de aula, a criança não têm acesso a parques, e a natureza é um grande currículo, que está sendo esquecido pelo ser humano, e na hora que esquece a natureza, esquece o homem também, e esquece a criança, que fica como esse sujeito que não pertence aquele lugar, ausência de pertencimento à terra onde você nasceu, é imprescindível uma recolocação na educação do espaço da natureza como o grande chão inclusive do brincar, porque ela favorece um processo de imaginação das crianças, a variação de planos, não é nada padronizado, reto, você têm rampas, a natureza têm um volume que não é em geral como os pátios da escola que é só uma relação plana.

Um caso interessante que aconteceu na Bahia em 1982, foi um trabalho que fizemos na periferia que moravam atrás de um parque, durante a semana ficava vazio, e nos finais de semana à população inclusive de classe média e alta ocupavam o parque era muito bonito, com árvores e tudo. Foi pedido que fizéssemos um trabalho com as crianças dessa comunidade e a gente ocupou esse espaço de segunda à sexta, e esse parque maravilhoso mas tinha uma pista reta cimentada. e quando as crianças chegaram, todas as brincadeiras que eles queriam era correr nesta pista, e o grupo de professores começaram a se indagar de como as crianças estão com uma vida tão precária e tão sem recursos que não conseguem

perceber a beleza do parque, não conseguem usar o gramado, não usam as rampas porque eles estão limitados nos recursos de vivências, então o cimento é a coisa principal, e eu disse: As crianças não fazem nada sem uma verdade interna deles, não fazem nada aleatório. Vamos ver porque eles preferiam usar a pista, e vamos ver onde eles moram e eles moravam na encosta de um morro, então à experiência da ladeira eles já tinham, e a experiência do plano que era o novo. E ali a brincadeira com lata e às coisas que eles inventavam, sem o perigo de passar carro era uma nova liberdade do corpo. Então precisamos compreender que a natureza favorece todos os tipos planos, de vivência corporal. Eu digo sempre que ela é o primeiro exercícios dos verbos que você vai usar, você pula, você trepa você desliza enfim, todos os verbos que você possa fazer com o seu corpo, depois você passa pro plano abstrato. Mas antes eles precisam que o corpo sinta tudo isso. Então eu vejo assim, como a linguagem do corpo, e como a natureza e o corpo não entraram na educação ainda, a gente nega justamente a essência do nosso viver. Esse corpo, por exemplo, a lei da gravidade, a criança cai, a criança vai cair mesmo! Eles estão se verticalizando entre 2 e 7 anos estão se postando na vertical, o corpo tá crescendo e a gravidade tá te puxando pra baixo, então você tem que treinar isso! correr, pular, cair também faz parte do exercício corporal pelo fato de sermos seres humanos que andamos na superfície da terra, somos seres da crosta da terra. Somos caminhantes da superfície, e essa verticalização nossa é fundamental, não estamos dentro da terra. Então você nasce na horizontal e ao longo da vida vamos nos verticalizando, e esse processo é fundamental é o que mudou inclusive a relação do homem com a cabeça, com o coração, com tudo. E a escola desconhece esse corpo como o mundo desconhece a natureza. Esse corpo é pra ser mecânico, para decorar as coisas pra ter habilidades mas não como um órgão sensível para você descobrir o que você quer da vida. E a natureza é o templo sagrado pra gente se abastecer dos conhecimentos fundamentais do nosso desenvolvimento. Eu não sei se o fato de ter nascido na beira do mar, ter nascido e tido a convivência de maré, que enche e esvazia, essa coisa do horizonte que eu sempre imaginava que tinha alguma coisa do outro lado, alguma coisa ali atrás, e essa vegetação nossa, tropical esse verde pulsante ajudou muito eu ter uma ligação. Quando eu venho pra são paulo pra estudar, saindo da Bahia depois de 21 anos, eu não consegui morar dentro de são paulo. Eu não tinha visão, só tinha prédio na minha frente. Eu não tinha noção de que a agonia que eu tinha não era só pelos prédios mas sim da falta de uma outra coisa. E ai quando eu me casei, disse ao meu marido: eu vou morrer aqui! E ai fui procurar terreno fora de são paulo, isso em 1969, e ficamos em uma casinha pequena até construir a casa redonda e eu não me adapto, mesmo em Salvador eu já saio do aeroporto e vou pra beira do mar, porque eu não consigo viver sem essa coisa do horizonte, sem essa ligação com a natureza. Inclusive no contato com as comunidades indígenas que eu conheci e que eles mostram que cada árvore cada espécie têm um espírito e é um ser vivo. Eu agradeço muito ter ouvido minha agonia, se não eu não tava aqui, e quando eu cheguei aqui isso aqui era um terreno que o pessoal tirava tudo, e a gente plantou tudo. Mas é isso, eu acho que a nossa doença básica hoje foi o deslocamento, a desconexão da gente com a natureza. E ai a gente quer se conectar com as máquinas hoje com a ilusão de que são elas que vão revitalizar a gente mas o que a gente tá sentindo na pele, a humanidade tá sentindo é que tá faltando alguma coisa essencial que é à vida e a natureza é essa vida explodindo ao redor da gente. Se você pensar na fotossíntese, pense bem, que elas ajudam a gente a mudar o ar velho da gente pra um ar novo, silenciosas, sem cobrar absolutamente nada. Então, você saber que as crianças podem estar debaixo de uma árvore, ela tá ali oxigenando aqueles seres, são coisas muito simples, se a gente compreende o sentido maior da vida.

ANEXO 6

Entrevista: coordenadora pedagógica da escola rural 2

Sou formada em biologia pela UNB, em Brasília, quando eu entrei eu já queria educação, e na metade da graduação entrei em contato com a Permacultura e comecei a trabalhar com isso no Instituto Ipoema, na parte da formação e projetos educacionais, a gente atuava com as escolas e nas escolas. Então com as escolas porque tinha um processo de receber às escolas na Chácara Asa Branca, que chamava Turismo Ecopedagógico mas a gente também atuava nas escolas fazendo formações com a equipe de professores, implementando esses elementos nas escolas. Então era essa dupla relação, trabalhei 8 anos lá e fui para Bali trabalhar na Green School na parte em que eles denominam de Green Studies, uma disciplina para educação infantil, fund 1 e 2. Na época eu tive oportunidade de trabalhar na construção do currículo e trabalhar diretamente com os estudantes. Na volta, comecei a trabalhar na Escola da Toca em que fiquei por 7 anos trabalhando na coordenação e no momento atual estou redefinindo algumas estruturas.

O tempo todo, meu trabalho teve essa questão forte com a natureza, de ter a natureza como grande mestra. Através de uma reflexão que tive a oportunidade de ter com a Rita Mendonça, porque o conceito de Natureza pode ser bem amplo, por exemplo, a raiz do embasamento teórico da campanha Criança e Natureza do Instituto Alana, é uma coisa, quando você pega a raiz da proposta das relações com a natureza que implementamos na Escola da Toca têm outra referência, que acaba tendo muita afinidade com o trabalho da Rita Mendonça. Por isso a gente fala de vivências com a natureza e não na, ou ir para, esse com faz bastante diferença, porque eu entendo que o ponto de partida é: eu sou natureza, e esquecemos disso. Então, quando falamos do meio ambiente, locais de conservação, ou mesmo da sustentabilidade, a gente ainda fica olhando a natureza como algo externo. Porque assim, é também mas não é só. Assim, a ideia de ter a natureza como mestra, que era um dos pilares da abordagem educativa da Escola da Toca e que eu considero um dos pilares do meu trabalho também, é de você resgatar essa questão da natureza interna, com a natureza externa, com a grande natureza que inclui aí o mistério, tudo aquilo que a gente não sabe explicar. Então as relações com a natureza permeiam um encontro de polaridades: o interno e o externo, o individual e o coletivo. E quando a gente atua com noção dessa grandeza, muitas coisas acontecem. Então você têm a relação com a natureza permeando a espiritualidade, que não é sinônimo de religião seria o Interior Individual, quando você têm as relações com a natureza permeando a cultura, quando a gente começa a olhar pra cultura popular brasileira, você vai ver uma manifestação cultural que honra, toda essa dinâmica da questão da natureza que seria esse Interior Coletivo, e quando você olha para os princípios ecológicos, o ecossistema, o meio ambiente, você está olhando para natureza com o que a gente chama de Exterior Coletivo. E toda parte de comportamento e fisiologia, tudo que estudamos na biologia, seria o campo do Exterior Individual, porque todos os indivíduos respondem por essa lei.

Então, quando a gente olha pra natureza como mestra a gente quer olhar para essas quatro janelas: O Interior Individual, onde guarda toda a magia, todo o mistério do percurso da vida, o que às práticas meditativas por exemplo, alimentariam a contemplação e momentos de isolamento na floresta fazem parte desse lugar, o Individual Interior. Todos os aspectos de comportamento, tudo o que pode ser medido, os conceitos objetivos, que não têm a ver com as crenças é o Individual Exterior, tudo que é animal e fisiológico entra aí.

O Interior Coletivo é o compartilhamento de valores, a cultura, quando a gente pensa no contexto educativo, o que ancora a relação da natureza como mestra é o resgate da cultura

popular. E o Exterior coletivo é aquele que independente se eu to no Brasil ou na Indonésia, se eu sou de uma religião x ou y isso é. São os fatos, toda parte dos princípios ecológicos, do pensamento sistêmico, o entendimento de ecossistema, a Alfabetização Ecológica, a Permacultura tudo o que é estrutural.

Então quando a gente fala na natureza como mestra no campo da educação, significa olhar por esses quatro caminhos. E quando a gente fala ir para a natureza, falamos desse aspecto do Exterior Coletivo. eu vou para esse outro lugar que está externo à mim, que não necessariamente eu tenho intimidade. Então a gente sempre buscou garantir na rotina, utilizando a Escola da Toca como exemplo, e na formação dos professores, que essas quatro janelas fossem incluídas. Então as crianças toda sexta feira, tinham momentos de vivência com a natureza. A gente ia fazer caminhadas na mata, não necessariamente em lugares com trilha, pra fazer o que? O objetivo dessa proposta era estar lá, a gente tinha que garantir momentos da rotina que não fossem tão dirigidos para que o inesperado pudesse surgir, tem criança que tem medo, tem adulto que tem medo, tem criança que fica super à vontade, têm adulto que fica super à vontade. Tem criança que manifesta o desejo por explorar por ir além e tem criança que fica mais comedida. Então eram momentos da rotina pra gente deixar essas relações se estabelecerem.

O ponto inicial é que, no fim das contas eu sou natureza, você é natureza nós somos natureza, então porque não ficamos à vontade nesta grande casa que é a floresta, por exemplo. Porque temos tantos medos, tantos bichos se muito mais gente morre de acidente de carro do que de picada de cobra. O que a gente precisa desmistificar pra acordar essa memória que a gente tem, e que a Alfabetização Ecológica vai chamar de linguagem da natureza, que a gente esqueceu por algum motivo. Então no fim das contas, talvez o meio objetivo de ancorar a proposta da natureza com a educação é o resgate dessa memória da linguagem da natureza pra gente fazer novas escutas, pra que a gente possa ter uma atitude de fato pró ativa, no nosso processo evolutivo, entendendo que a maior tecnologia a ser desenvolvida somos nós mesmos, temos a potência de desenvolver, de escolher e de definir pra onde vamos caminhar enquanto humanidade. E se a gente não fizer as pazes com a nossa origem, dificilmente a gente vai conseguir propor alguma coisa que nos reequilibre denovo com esse sistema maior. Assim, o grande objetivo é esse: resgatar que somos parte, porque na vivência, no sentir, na atitude, talvez o princípio ecológico que seja o mais desafiador é o da interconexão, que estamos todos conectados, que todas as formas de vida estão interconectadas. E é até complicado falar de todas as formas de vida porque no entendimento do que se têm vida hoje, uma rocha não seria vida, mas no princípio da interdependência, ou interconexão, ele inclui os minerais, e esse é um muito difícil de entender, porque viemos de um processo de doutrinação longo de ver as coisas muito separadas, e quando a gente resgata isso é que vem a possibilidade de uma construção de um futuro de abundância. Que já tivemos a oportunidade de experimentar, existem autores que citam isso com bastante propriedade.

Como realizar isso você precisa pensar em duas coisas: qual é a faixa-etária na qual estou trabalhando e qual o contexto local. Esses dois pontos vão definir minhas estratégias e a proposta que vou trazer. Porque? Quando a gente fala em idade, primeiro a gente pensa em traçar uma visão generalizante, para tratar em massa. O que é muito difícil porque algumas pessoas não se encaixam nesse padrão. Por exemplo, a Escola da Toca era multisseriada, respeitando um dos princípios ecológicos da linguagem da natureza que é à diversidade. E quando olhamos para as comunidades tradicionais e vê como são transmitidos os conhecimentos, nada se dá nessa monocultura de mono-idades. Mas de alguma forma existe um padrão pras fases da vida, e eu estou conversando com que fase da vida? O que é mais interessante para essa fase? O que alimenta essa fase?

Então, quando falo do primeiro setênio, falo de sujeitos que tão acabando de chegar no mundo e estão se descobrindo, tudo é novidade, o cheiro as cores texturas, eles estão descobrindo o corpo, o movimento é importante e alimentar é curiosidade. No segundo setênio que eles estão em uma outra fase de maturidade e o mítico é uma coisa muito viva, todo o resgate das histórias, lendas elas têm uma força muito grande. E eles estão numa fase de concretizar e materializar muitas coisas. Construir coisas reais o uso das ferramentas é uma coisa bem empoderada. Porque pra mim uma chave que é muito poderosa pra fazer esse resgate é a agricultura, eu acho que a agricultura é uma chave muito potente, falando dos Sistemas Agroflorestais que vão ter todos os princípios ecológicos em um metro quadrado.

Já no terceiro setênio, com os meninos de 14 que estão na fase em que o clã é muito valioso, que o grupo é importante, que começam a ter outra dimensão do mundo. Projetos mais “vamos salvar o mundo” começam a fazer mais sentido, com um cuidado: não gerar a tal da *ecofobia* criada por um interessante autor David Sobel, que escreve um artigo que diz que o cuidado que precisamos ter com essa galera é: “como que eu te motivo a te engajar nesta causa sem te dar o peso da responsabilidade de solucionar um problema que não foi você que criou”. Então se a pessoa chegou aos 14 anos passando por todos esses momentos de aprendizagem já tá tudo certo, porque já é algo que ela ama e que ela integrou. Caso contrário, precisa ter algum tipo de sensibilização antes de todo esse envolvimento de: “vamos tirar todos os plásticos do oceano, ou vamos reflorestar o lugar x”.

Enfim, para cada grupo de faixa-etária você têm estratégias diferentes, que vão de acordo com cada fase da vida, o que nutre cada fase.

Isso sempre casado com o contexto regional, precisa fazer sentido, não dá pra você importar algo, ou aplicar uma receita pronta. Então quando a gente entende que existem essas quatro janelas para entender essas dimensões da natureza, que seriam a espiritualidade, a cultura, os comportamentos e os sistemas e estruturas. Quando a gente entende que existem fases na vida com características diferentes, com necessidades distintas, compreendendo os aspectos locais, esses são os ingredientes pra fazer um bom caldo do *como*. Não têm uma receita pronta, e aí no aspecto do pensamento sistêmico que é a bandeira da alfabetização ecológica que fala da linguagem da natureza e vai falar dos 8 princípios ecológicos e a referência é o Capra, um desses princípios é à diversidade, e para desenvolver esses princípios não necessariamente eu preciso ir até a mata, ou preciso necessariamente ter próximo a mim um ambiente conservado. Por exemplo, processos de tomada de decisão participativos são processos inspirados nos princípios da natureza. E quando eu falo isso eu pelo um sistema biodiverso e observo os padrões de fenômenos dali. Por isso tenho a natureza como grande mestra. Se você tá na dúvida de alguma coisa, vai e observa um ambiente biodiverso, com o mínimo de alterações possíveis você vai ter a resposta. Então se eu estou num ambiente 100% concreto, que não têm nada perto e qualquer saída vai ser um grande projeto (sim faça isso pelo menos uma vez por ano), você pode começar a trazer esses princípios com uma outra roupagem. Então pensar em assembleias democráticas na sua sala de aula onde você vai dar voz ao estudante para que vocês tomem às decisões de uma outra forma, que não necessariamente seja uma votação, onde 51% vai ser contemplado mas 49% não vai. Toda parte das aprendizagens horizontais amplificam a possibilidade de conhecimento e aprendizagem respeitando os ritmos. Então como eu posso aproveitar à diversidade que existe na minha classe, para que eu como professora possa dar a oportunidade para todos aqueles que precisam de atenção.

Existem várias coisas que a gente pode trazer pro dia a dia da escola formal que são pura inspiração dos processos da natureza que não necessariamente precisam mobilizar todo um movimento para sair da escola e ir para um outro ambiente. Claro que a gente sempre prefere

que esse tipo de possibilidade rotineira de ir para espaço ao ar livre melhor. Mesmo que seja toda concretada pelo menos o sol você tem. E possuem milhares de pesquisas que falam sobre isso. O livro “A última criança na natureza” reúne muitas pesquisas e dados, minha única crítica com esse livro é que ele olha através da perspectiva da doença, ou seja olhar pra natureza como remédio, mas pelo menos está se falando sobre isso. Mas sempre que possível vamos pensar que o ponto de partida fala sobre muita coisa e queremos o foco na saúde, foco no que tá forte e saudável para que essa energia possa ir para outros lugares. Quando a gente fala na Natureza como Mestra, existe a prática da observação, que é também o primeiro princípio da permacultura. Essa é a grande chave pra você conseguir se inspirar e entender quais são todos esses infinitos *comos* que você pode realizar. Na proposta da Toca, o professor era chamado de professor observador ou professor pesquisador, e o grande objetivo dessa proposta era desenvolver um olhar sensível, o que está emergindo pra entender o que está acontecendo para além desses comportamentos que eu to enxergando, quais são as estruturas que fazem com que esse comportamento, numa criança, emergir. Por exemplo, o professor da escola da toca tinha uma hora e 45 minutos de formação, de segunda à sexta. Segunda-feira era reunião individual, educador coordenador e preparo de materiais, entendíamos como formação. Terça-feira era discussão de caso ou uma roda de discussão desse coletivo de adultos, ou seja, 8 educadores tinham um espaço para discutir às questões dos adultos. Quarta-feira, era formação cognitiva, pois no começo do ano decidíamos o que era prioritário para a aprendizagem das crianças, então pensava o que ia ser mais explorado: aspectos do desenvolvimento do ser integral, aspectos da alfabetização ecológica, e toda quarta-feira tinha aula mesmo, e convidávamos pessoas de fora, ou especialistas. Quinta era dia de registro, e os trabalhadores registravam bastante e sexta era o planejamento da semana seguinte, que envolvia toda a equipe incluindo o jardineiro, que era chamado de jardineiro pedagógico. Então ele vinha e pontuava questões importantes que muitas vezes passavam despercebidas como: o latão do banheiro seco está quase cheio, precisa fazer o manejo, tá saindo cacho de pupunha no canteiro da bianca entre outros olhares mais técnicos. E quais eram os indicadores de que o processo de observação tava dando certo? Um deles era no momento do planejamento, quando a gente perguntava aos professores o que estava emergindo nas crianças, e os professores sabiam falar. Outro momento era o momento de escutar as falas que surgiam nas crianças, pois existia o momento da rotina chamado de “quintal livre no qual os professores só tinham que observar e levar seu caderninho de bolso. E aí você passa a escutar frases assim: 5 anos, as duas: “Você viu las, que a jataí pegou pólen no meu girassol!” Jataí é uma abelhinha e de fato é possível enxergar duas bolinhas de pólen nas patinhas e ninguém contou pra lasmin, passando foto no google o que é uma abelha jataí. A gente construiu um meliponário juntos, e eles sabem que na escola têm três tipos de abelha, e a gente vai falando, cuidando das abelhas e então eles sabem, porque eles que cuidam, eles que construíram o meliponário. Na escola a gente sempre incluiu os sistemas agroflorestais como ferramenta didática, como meio de chegar na linguagem com a natureza. E na agrofloresta, um dos princípios para sucessão é a questão da estratificação, são os andares da floresta que têm a ver com a quantidade de luz com que a planta necessita para se desenvolver. E aí tinha uma criança que se conectou com o canteiro dele, e tinha no viveiro uma muda de goiabeira e ele queria colocar essa muda no seu canteiro, e ele pede pro jardineiro a goiabeira que pergunta a ele se ele acha que caberia no canteiro e ele respondeu: “Claro que cabe! Você me empresta seu facão e eu vou cortar uma folha da bananeira e vou colocar a goiabeira ao lado e não fica ninguém em cima dela!” E ele havia compreendido tudo, e ninguém contou, ele não teve aula de estratificação. Ao observar essas coisas acontecendo são indicadores que essas estratégias funcionam, e que, quando melhor observo o meu

arredor, melhor eu consigo observar dentro de mim. E hoje quando se fala dessas inteligências sócio-emocionais, elas são nada mais nada menos do que eu conseguir conscientemente entender e nomear esse turbilhão de coisas que acontecem dentro de mim, o que normalmente as pessoas se tornam adultas e não sabem. Em tese você deveria saber nomear seus sentimentos, e toda a estratégia da escola passava pela necessidade de nomear aquilo que estava acontecendo, você pode ficar triste, você pode chorar, até berrar mas você não pode bater, e tem alguém ali te ajudando a entender isso. E outra coisa, ter esses ambientes naturais como um lugar de cura onde eu possa extravasar minha raiva, e ter um tempo para me recompor e depois retornar à comunidade, que era a escola é muito importante. Um caso de uma criança na escola que não tinha controle das suas emoções e quando as coisas não saiam como ela esperava ela ficava muito nervosa às vezes ao ponto de vomitar e chegou a ter dois casos de epilepsia. E toda vez, ao sair com ela, andar com os pés descalços, conversar com cavalo, era muito transformador, tanto pras crianças quanto para os professores. Então pra nós, ter a natureza como mestra é colocar óleos essenciais de laranja doce na hora do sono, é escolher um cardápio que respeita à sazonalidade, é ter festas celebrativas da escola relacionadas aos ciclos naturais, como festa da colheita e festa da primavera. Então são todas sutilezas que vão entrando no meio do caminho e não ter uma disciplina de horta por exemplo, não, a gente tem uma horta porque a gente come, e a gente come e produz resíduos então a gente composta e a gente precisa alimentar nosso canteiro, tudo existe uma razão de ser.

ANEXO 7

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução no 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: ***“NATUREZA E EDUCAÇÃO: Diálogos entre a psicologia analítica e a aprendizagem com a natureza”***, feita pela presente pesquisadora Gabriela Flora Costa e orientada pelo Prof. Dr. Guilherme Scandiucci, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o impacto do contato das crianças com a natureza. Para que se possa averiguar a perspectiva dos educadores e de suas práticas educativas, os possíveis resultados desse contato na vida das mesmas. Ela se justifica na medida em que reafirma e atualiza a necessidade de se pensar como a natureza representa parte fundamental e central no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a seguinte pergunta disparadora: *“Na sua perspectiva, qual a importância da natureza diante o educar?”* sob a forma de uma entrevista semi-dirigida. A entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição. A entrevista terá duração de cerca de aproximadamente 20 minutos, e será feita a critério do entrevistado.

Não há riscos esperados para aqueles que forem entrevistados. Caso haja qualquer desconforto para o entrevistado, ele poderá suspender a entrevista em qualquer momento que desejar. Os benefícios da pesquisa são: possibilidade de contribuir diante o acesso de outros educadores à uma metodologia nova de educação, poder compartilhar saberes e experiências, auxiliar a aplicação e disseminação de novas idéias que poderão contribuir para os campos da psicologia, pedagogia entre outras, e de principalmente poder fornecer dados importantes para a constituição da presente pesquisa. Alternativamente às entrevistas, o procedimento da pesquisa será a partir de pesquisa documental (reportagens, livros etc.).

O entrevistado poderá ter acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecimento de eventuais dúvidas. Terá ainda liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento e, portanto, deixar de participar do estudo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

O pesquisador garante a confidencialidade e o sigilo das informações, bem como a privacidade do entrevistado. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

O sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não há ressarcimento de eventual gasto que o entrevistado possa ter (transporte, por exemplo).

A pesquisa tem previsão de duração total de um ano.

O sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o endereço, telefone e e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos.

Gabriela Flora Costa

Pesquisadora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - Curso de Psicologia

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

1. Nome do sujeito de pesquisa ou responsável legal (no caso de responsável legal citar a natureza: grau de parentesco, tutor, curador, etc.):

2. Documento de identidade: _____

3. Sexo: _____

4. Data de nascimento: _____

5. Endereço:

6. Telefone: _____

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Local e data: _____

Assinatura do sujeito de pesquisa:
